



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**Tainã Miranda de Souza**

**VIVÊNCIAS COM O RIO TOCANTINS: MEMÓRIAS DE  
PESCADORAS E PESCADORES DA REGIÃO DE  
TOCANTINÓPOLIS-TO**

TOCANTINÓPOLIS-TO  
2022

**TAINÃ MIRANDA DE SOUZA**

**VIVÊNCIAS COM O RIO TOCANTINS: MEMÓRIAS DE  
PESCADORAS E PESCADORES DA REGIÃO DE  
TOCANTINÓPOLIS-TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>. Cássia Ferreira Miranda.

**TOCANTINÓPOLIS-TO  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S729v Souza, Tainã Miranda de.

Vivências com o Rio Tocantins: Memórias de pescadoras e pescadores da região de Tocantinópolis- TO . / Tainã Miranda de Souza. – Tocantinópolis, TO, 2022.

66 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2022.

Orientadora : Cássia Ferreira Miranda

1. História Oral. 2. Pesca. 3. Colônia de Pescadores. 4. Educação do Campo. I. Título

**CDD 370.91734**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

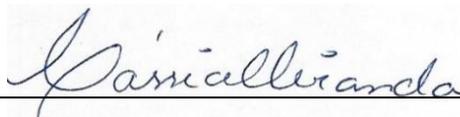
**TAINÃ MIRANDA DE SOUZA**

**VIVÊNCIAS COM O RIO TOCANTINS: MEMÓRIAS DE  
PESCADORAS E PESCADORES DA REGIÃO DE  
TOCANTINÓPOLIS-TO**

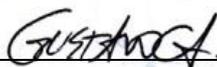
Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 24 / 02 / 2022.

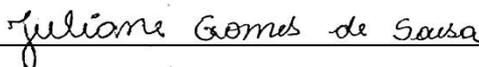
Banca Examinadora



Dra. Cássia Ferreira Miranda, Orientadora, Universidade Federal do Pampa, Campus de Jaguarão



Dr. Gustavo Cunha de Araújo, Examinador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis



Ma. Juliane Gomes de Sousa, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Tocantinópolis, 2022

*Dedico esse trabalho as pescadoras e pescadores  
do Rio Tocantins, à minha família e a todos e todas  
que contribuíram e me motivaram  
nesse percurso...*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado saúde e forças para chegar até aqui, pois só ele sabe os desafios enfrentados nessa caminhada. À minha mãe Maria Iris Gomes Miranda e ao meu pai António Carneiro de Souza que sempre me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos. Ao meu companheiro Bruno Ferreira Lima que acompanhou bem de perto todo o processo me apoiando e sempre me incentivando na realização desse sonho.

Aos meus irmãos: Irisney Miranda, Taivan Miranda e Igor Miranda, ao meu sobrinho João Guilherme e meu cunhado Guilherme Fernandes que sempre estiveram presentes durante essa trajetória. O Igor Miranda de forma especial pois esteve presente não só em casa mais em sala de aula.

À minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Cássia Ferreira Miranda pelas orientações, apoio e paciência durante esse percurso, sempre esteve disposta a me ouvir tirando minhas dúvidas e me mostrando caminhos para seguir adiante. Uma excelente profissional a quem admiro muito. Estendo os agradecimentos aos professores da minha banca Juliane Gomes de Sousa e professor Gustavo Cunha de Araújo por terem aceitado o convite de participar desse momento.

Á minha amiga Rosane Gomes companheira de turma com quem realizava trabalhos e partilhava as dificuldades e os desafios do dia a dia na realização desse curso.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA) onde debatia textos e aprendia muito a partir dos olhares de todos e todas. Aos professores e professoras do curso pelas partilhas de seus conhecimentos e à minha turma pelas trocas de experiências. Na turma construí diversas amizades dentre elas foi formado o grupo das luluzetes com quem partilhava algumas emoções da universidade na elaboração dos trabalhos em grupo esse grupo era composto por mim, Rosane Gomes, Lawandala Gomes, Maria Regina e Aline dos Santos, colegas, amigas, companheiras de turma que estarão sempre nas minhas lembranças.

Minha gratidão também as pescadoras e pescadores que se disponibilizaram a falar das suas trajetórias de vidas e que contribuíram para realização deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos e todas que estiveram presentes durante esta caminhada de ricos aprendizados.

Aprendi muito com cada um de vocês!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer as memórias de pescadoras e pescadores que atuam com a pesca no Rio Tocantins, na região de Tocantinópolis-TO, compreendendo suas trajetórias de vida e as relações e significados estabelecidos em suas vivências com o ofício da pesca. Para realização deste estudo é utilizada a abordagem qualitativa com foco na metodologia de História Oral. Devido às restrições impostas pela pandemia do Coronavírus *Sars-Cov-2*, foram necessárias adaptações metodológicas para realização da pesquisa, tendo a mesma ocorrido por meio de aplicativos digitais de comunicação como o *Whatsapp* e *Google Meet*. Seguindo a metodologia de História Oral, os roteiros foram construídos visando obter informações que auxiliassem na compreensão da importância da pesca no Rio Tocantins, dos diferentes significados e representações que essa atividade adquire nas memórias das pescadoras e pescadores, e, conseqüentemente, as diferentes identidades que se constroem em torno e com o Rio Tocantins. Para essas análises foram utilizadas como aporte teórico a perspectiva da História Cultural e da História do Tempo Presente. São analisadas cinco entrevistas com pescadoras e pescadores que atuam na região de Tocantinópolis e estão vinculados a Colônia de Pescadores Z-7. O estudo possibilitou compreender que o ofício da pesca é aprendido ainda na infância, geralmente com familiares, sendo um aprendizado passado de geração em geração. Além disso, constatou-se desinteresse dos pais em estimular os filhos e filhas a seguirem o mesmo ofício, destacando que a pesca vem se tornando uma forma de sobrevivência muito difícil, não sendo seu desejo de vida para eles e elas. Essa mudança da vida na pesca em Tocantinópolis é atribuída a construção da Hidrelétrica em Estreito- MA que provocou alterações nos ciclos naturais das águas do Rio, levando à escassez dos peixes e provocando um grande impacto na geração de renda e na vida das pescadoras e pescadores. Este estudo pretende contribuir para a construção e preservação da memória de Tocantinópolis, em especial, para as reflexões acerca da importância do Rio Tocantins para os que vivem em seu entorno e para a valorização das memórias e da atuação das pescadoras e pescadores da região pesquisada.

**Palavras-chave:** História Oral. Pesca. Sobrevivência. Colônia de Pescadores Z-7. Educação do Campo.

## ABSTRACT

This work aims to know the memories of fishermen and fisherwomen who act in the Tocantins River, understanding their life trajectories and the relationships and meanings established in their experiences with the fishing craft. This study uses a qualitative approach focused on the methodology of Oral History. Due to the restrictions imposed by the pandemic of the new coronavirus Sars-Cov-2, methodological adaptations were necessary to carry out the research, and occurred through digital communication applications such as *whatsapp* and *google Mmeet*. Following the methodology of Oral History, the scripts were built to obtain information that would help in understanding the importance of fishing in the Tocantins River, the different meanings and representations that this activity acquires in the memories of fishermen and fisherwomen, and, consequently, the different identities that are built around and with the Tocantins River. For these analyses, the perspective of Cultural History and the History of Present Time were used as theoretical input. Five interviews with fishermen who work in the region of Tocantinópolis and are linked to Colônia de Pescadores Z-7 are analyzed. The study made it possible to understand that the fishing profession is still apprehended in childhood, usually with family members, being a learning passed from generation to generation. In addition, it was found that parents are not interested in encouraging their children to follow the same profession, highlighting that fishing has become a very difficult form of survival, not being their desire for life for their children. This change in the fishing life in Tocantinópolis is attributed to the construction of the Hydroelectric in Estreito- MA which caused changes in the natural cycles of the waters of Rio, leading to fish shortages and causing a very large impact on income generation and the lives of fishermen and fisherwomen. This study aims to contribute to the construction and preservation of the memory of Tocantinópolis, in particular, for reflections on the importance of the Tocantins River for those who live in its surroundings and for the valorization of the memories and actions of the fishermen and fisherwomen of the region researched.

**Keywords:** Oral History. Fishing. Survival. Colony of Fishermen Z-7. Rural Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES E IMAGENS

Figura 1 - Mapa do Estado do Tocantins, indicando o Município de Tocantinópolis-TO.....	36
Foto 1 - O espetáculo do Nascer do sol às margens do Rio Tocantins- Tocantinópolis-TO”..	61
Foto 2 - Rio Tocantins no período da cheia .....	62
Foto 3 - Rio Tocantins no período da cheia .....	62
Foto 4 - Rio Tocantins no período da cheia .....	63
Foto 5 - Ilha da santa – Tocantinópolis-TO .....	63
Foto 6 - Porto da Colônia dos Pescadores - Tocantinópolis-TO .....	64
Foto 7 - Tempos de grande estiagem no rio Tocantins .....	64
Foto 8 - Ilha da Santa - Tocantinópolis-TO .....	65
Foto 9 – Seca no rio Tocantins – Tocantinópolis-TO .....	65
Foto 10 – Período de seca no rio Tocantins .....	66
Foto 11 – Período de seca no rio Tocantins .....	66

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

GEPHEA	Grupo de Estudo e Pesquisa em História Educação e Artes
ISA	Instituto Socioambiental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CONCEITOS FUNDAMENTAIS .....</b>	<b>15</b>
2.1	HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA.....	15
<b>2.1.1</b>	<b>Os caminhos da História Oral.....</b>	<b>19</b>
2.2	HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE .....	22
<b>3</b>	<b>RIO TOCANTINS, ESPAÇO DE VIDA, TRABALHO E RESISTÊNCIA.....</b>	<b>27</b>
3.1	TRANSFORMAÇÕES NOS FLUXOS DAS ÁGUAS .....	28
<b>4</b>	<b>EXPERIÊNCIAS COM A PESCA NA COMUNIDADE DE TOCANTINÓPOLIS – TO .....</b>	<b>35</b>
4.1	TOCANTINÓPOLIS –TO.....	35
4.2	CONTATO COM AS PESCADORAS E PESCADORES.....	37
4.3	CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	38
4.4	O TRABALHO COM A PESCA NO RIO TOCANTINS A PARTIR DE RELATOS DAS PESCADORAS E PESCADORES .....	41
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
	<b>APÊNDICE A ROTEIRO UTILIZADO COM AS PESCADORAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE B ROTEIRO UTILIZADO COM OS PESCADORES.....</b>	<b>58</b>
	<b>ANEXO A FOTOS DO RIO TOCANTINS.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o alcance mundial dos meios de comunicação, diariamente temos contato com uma explosão de acontecimentos. A nossa memória é a responsável por selecionar aquilo que achamos relevante e excluir o que não tem impacto direto em nosso cotidiano. Sendo assim, as experiências adquiridas nas trajetórias, individuais e coletivas, construídas em diferentes grupos sociais, somadas ao trabalho memorial realizado pelo cérebro a partir das conexões neurais, acabam por definir as memórias que deixam marcas e aquelas encaminhadas ao esquecimento.

Esse processo é o responsável direto pela compreensão de vida e de mundo, pela construção de significados e pelo estabelecimento das identidades dos indivíduos e dos grupos. Constantemente a sociedade se organiza em grupos diversos que se relacionam a partir de uma rede de significados que aproximam ou afastam seus membros. No caso específico das populações camponesas, os grupos identitários se organizam principalmente a partir da relação de vida e trabalho que estabelecem com a terra, com as águas e com as florestas.

Nesse sentido, Costa e Carvalho (2012) relatam que os camponeses são todos os grupos de pessoas que formam uma diversidade de povos que vivem e trabalham na terra, nas águas e nas florestas e que tem seus sustentos advindos da disponibilidade desses recursos propiciados pela natureza. Assim sendo, suas atividades de trabalho acontecem em pequenas escalas, normalmente visando a subsistência das famílias. Nessas relações sociais os indivíduos adquirem conhecimentos a partir da sua vivência e das experiências construídas nos grupos que fazem parte, nos quais os conhecimentos são passados geralmente de forma geracional e não atendem necessariamente à fins capitalistas. Entre alguns grupos de populações camponesas destacamos, por exemplo, as populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas, quebradeiras de coco babaçu, pescadoras artesanais, dentre outras.

Esta pesquisa intitulada *Vivências com o Rio Tocantins: Memórias de pescadoras e pescadores da região de Tocantinópolis- TO* tem como objetivo conhecer as memórias dos pescadores e das pescadoras da comunidade vinculada a Colônia de Pescadores Z-7 de Tocantinópolis-TO e como as relações e significados estabelecidos durante o desenvolvimento da pesca se manifestam em seus relatos.

Este estudo foi realizado enquanto Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins (UFT), agora intitulada Universidade do Norte do Tocantins (UFNT), após o desmembramento dos campus de Araguaína e Tocantinópolis.

A minha vivência com o Rio Tocantins começou desde cedo, pois nasci e cresci na cidade de Tocantinópolis-TO, que tem o rio como fronteira com a cidade de Porto Franco- MA. Mas é a partir do curso de Educação do Campo: Habilitação em Artes e Música que tive um maior contato com os estudos que englobam as diferentes comunidades tradicionais e que comecei a me interessar pelas histórias desses povos. Ao participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA) fui me aprofundando na temática e atuando no projeto intitulado *Sociabilidade e Sobrevivência às margens do Rio Tocantins*, ambos coordenados pela Profa. Dra. Cássia Ferreira Miranda. Nesse projeto, fui bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFT) investigando as formas de relação que as pescadoras e os pescadores estabelecem com o Rio Tocantins e como o trabalho junto ao rio contribui para a vida e sobrevivência dessas pessoas. A partir das reflexões construídas nessas experiências, surgiu este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O que nos incentiva a realizar esta pesquisa, é a vontade de registrar e entender as relações de vida e subsistência que as pescadoras e pescadores constroem com o Rio Tocantins. Contribuindo, assim, para construção e preservação da memória da região do Bico do Papagaio, para reflexões acerca da importância do Rio Tocantins para aqueles que vivem em seu entorno e para a valorização das trajetórias de vida das pessoas das comunidades do Bico do Papagaio. Visto a efemeridade da memória, registrar em trabalhos acadêmicos os diferentes saberes e fazeres de uma comunidade é uma tarefa fundamental e urgente para que as gerações posteriores compreendam as experiências que influenciaram diretamente a formação das diversas identidades de um povo e os rumos de suas histórias. A fim de alcançar o objetivo proposto, a pesquisa tem como abordagem metodológica a coleta e análise de dados a partir da História Oral. Foram realizados os levantamentos bibliográficos e as discussões a partir das palavras chaves: História Oral, Memórias, Rio Tocantins e Identidades visando compreender as trajetórias de vidas de pescadoras e pescadores que têm suas vidas marcadas pela relação de trabalho com o Rio Tocantins.

É importante salientar que devido às restrições impostas pela pandemia do novo Coronavírus – *SARS-CoV-2*, foram necessárias algumas adaptações na pesquisa visto que a metodologia de História Oral geralmente ocorre a partir do contato presencial com os depoentes da pesquisa. Nesse sentido, a interlocução da pesquisa foi desenvolvida a partir de aplicativos digitais de comunicação. Foram utilizados o aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp* e a plataforma de reuniões *Google Meet*.

Este trabalho está dividido em 5 partes. Na primeira parte apresentamos a introdução ao tema. Na segunda, expomos alguns conceitos fundamentais, como a importância da História

Oral na construção e preservação da Memória, o contexto histórico dessa metodologia englobando, uma breve contextualização do conceito de Memória considerando sua efemeridade. Além disso, trazemos algumas considerações sobre a História Cultural e a História do Tempo Presente que são utilizadas como aporte teórico à metodologia da História Oral e nos ajudam a refletir sobre a importância de se produzir uma história voltada para as diferentes culturas e como podemos analisar essas manifestações culturais. Após apresentamos alguns encaminhamentos metodológicos. Na terceira parte, abordamos aspectos históricos e geográficos do rio Tocantins, abordando também os estudos que destacam os impactos das transformações do fluxo das águas na vida das populações ribeirinhas a partir da construção da Hidrelétrica de Estreito-MA. Na quarta seção, apresentamos a cidade de Tocantinópolis, lócus da pesquisa, as pessoas participantes da pesquisa e realizo algumas análises no intuito de compreender as representações e significados da atividade da pesca na vida desses sujeitos. Por fim, na quinta parte, trazemos as considerações finais, abordando como foi a experiência na pesquisa e as possibilidades de continuidade dos estudos com a temática.

## 2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Neste capítulo discorreremos sobre a importância da História Oral na construção e preservação das trajetórias de vidas das comunidades. A partir dessa metodologia, temos a possibilidade de contato com as diversas subjetividades que se fazem presentes na elucidação da memória dos entrevistados. É nesse elo entre História e Memória que a História Oral toma sentido. Embora a História Oral e Memória não sejam a mesma coisa, em significado, elas andam lado a lado, pois uma necessita da outra para se efetivar. Conforme destacam Chagastelles e Lacerda (2013), a metodologia de História Oral utiliza a memória das pessoas como o fio condutor que dá margens para compreender o que foi vivido em um determinado tempo da história, possibilitando assim ao pesquisador relacionar o passado com o tempo presente. Dentro das reflexões sobre História Oral, reflito, ainda, sobre a fragilidade e efemeridade da memória, baseados nas reflexões de Izquierdo (1989) e Rosário (2002).

Para realizar as análises das subjetividades presentes nas narrativas das pessoas entrevistadas, buscamos apoio na História Cultural que aborda o estudo das *práticas sociais*, das *representações* e dos *significados* presentes nas diferentes manifestações humanas ao longo da história, que nos ajudam a entender a forma como as pessoas e os grupos interpretam e dão sentido as suas vivências em cada contexto social (BARROS, 2005; CHARTIER, 1990). Além disso, discorreremos sobre a História do Tempo Presente pois ela aborda os registros contemporâneos de fatos que são presentes no cotidiano ou ainda fatos passados que influenciam diretamente as trajetórias dos acontecimentos atuais (DOSSE, 2012).

### 2.1 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

De acordo com Matos e Senna (2011), a História surgiu muito vinculada a oralidade, no entanto, ao longo dos anos foi se afastando da tradição oral privilegiando a tradição escrita. Na segunda metade do século XX, há a reintrodução da História Oral enquanto campo de registro da História, iniciada em parte por um grupo de historiadores, na década de 1950, nos Estados Unidos. O advento do gravador foi fundamental nesse ressurgimento. Na década de 1960, na Itália, ela começou a ser utilizada pelos antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferrauti como uma forma de reconstruir a Cultura Popular, considerando-a não como um complemento às fontes tradicionais escritas, mas entendendo-a como uma “outra história”. A partir de então, começaram a se expandir os estudos nessa perspectiva, tendo como base os relatos de pessoas das classes populares que participavam de acontecimentos na sociedade. Essas populações geralmente não tinham suas trajetórias mencionadas nos registros da história oficial, visto que

essa era escrita pelas classes dominantes, apenas em torno de seus interesses. Conforme mencionam Matos e Senna (2011, p.96), a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos.

A utilização da metodologia de História Oral possibilita entender as trajetórias de vidas e as diferentes memórias que cercam os diferentes acontecimentos e vivências. Em vista disso, quando se trabalha com a História Oral, os interlocutores são convidados a revisitar suas memórias sobre as diferentes experiências constituídas em suas diversas relações sociais. Essas serão posteriormente utilizadas para compor a narrativa histórica dos pesquisadores:

Na busca de escrever uma narrativa histórica, a história oral possibilita ao historiador usar das entrevistas como fonte para sua escrita, buscando reconstruir o passado conforme foi vivido. O que temos são fragmentos do passado, narrados por aquele que viveu. Isto nos mostra um ponto central: não existe apenas uma memória ou uma história que dê conta do passado, e sim várias. É impossível reconstruir o passado tal qual ele aconteceu. (CHAGASTELLES; LACERDA. p. 5, 2013).

A História Oral traz as memórias dos indivíduos a partir de suas subjetividades, ou seja, cada pessoa singulariza o mundo em sua volta de uma forma. Seguindo esse contexto, Janaina Amado (1995) relata que para trabalhar com as memórias dos indivíduos é preciso ter uma visão abrangente da relação entre ele e a sociedade, compreendendo que não há uma história verdadeira ou uma falsa nos relatos, mas a existência de memórias individuais diferentes em um mesmo grupo social.

Nessa perspectiva, o pesquisador assume o papel de interpretar as diferentes memórias que são registradas nas entrevistas. A partir das entrevistas, as memórias trazidas pelas pessoas possibilitam um aprofundamento da compreensão da História e dos diferentes sujeitos que a fazem. Nesse sentido, a História Oral é uma metodologia de pesquisa que mostra os diferentes vieses sobre os acontecimentos do cotidiano e envolve o campo das subjetividades. Ela possibilita uma nova compreensão dos fatos vividos no presente de determinada comunidade a partir de diversos olhares, sendo plural. Pois

Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica. Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está, de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação”. (MATOS e SENNA, p. 98. 2011).

Ao utilizar a História Oral como metodologia de sistematização e análise histórica, temos o conceito de Memória como centro do debate, pois é através dos relatos ouvidos sobre as diferentes subjetividades de um grupo, que os pesquisadores podem contribuir com os

interlocutores no registro de novas narrativas. Desse modo, os diversos relatos coletados pelos pesquisadores são analisados individualmente e em sua relação com outros, buscando conexões que permitam a apreensão da individualidade e da coletividade nas memórias. A História Oral contribui na construção de registros e preservação das memórias das vivências de uma população.

Ao trabalhar com os registros memoriais, é importante se ater ao fato de que a memória é sempre seletiva, ela seleciona aquilo que achamos relevante e exclui aquilo que não tem tanta relevância. Essa seleção se dá a partir das experiências e dos afetos construídos durante a vida. Izquierdo (1989) relata que a Memória é efêmera e para compreendê-la, temos que considerar seus quatro processos, sendo eles: *Seleção*, que é a capacidade parcial que temos de guardar o que nos acontece, logo selecionamos apenas partes do que é vivido; *Consolidação*: que é a capacidade que a memória tem de guardar fatos antigos de forma mais completa, sendo assim os fatos recentes tem uma fragilidade maior que os fatos antigos, ou seja os fatos adquiridos de forma recente são mais fáceis de serem esquecidos por acidentes; *Incorporação de informação adicional*: as memórias podem receber um evento novo a partir de cada experiência adquirida, assim temos a formação dos registros memoriais criados a partir das experiências novas acrescentadas as antigas; E, por fim, temos *doenças que são causadas pela perda total ou parcial da memória*, que é o caso da *amnésia*, encontrada em pessoas que sofrem acidentes graves, como pancadas na cabeça, ocasionada por traumatismo craniano, ou até mesmo por doenças crônicas que é o caso do Mal de *Alzheimer*, no qual a pessoa aos poucos perde sua memória esquecendo de algumas experiências adquiridas nas suas relações sociais ao longo do tempo.

Assim sendo, quando falamos em memórias nos deparamos com uma pluralidade de subjetividades que se consolidam a partir das experiências que cada ser humano adquire em um determinado contexto histórico. Com relação a construção das memórias individuais e do quanto umas memórias se relacionam a outras, Maurice Halbwachs (1990. p. 51) destaca, sobre a relação delas com as memórias coletivas: “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”.

Sobre essa memória compartilhada, Halbwachs (1990 p. 26) chama de *memória coletiva*, e destaca que, [...] “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. 'E porque, em realidade, nunca estamos sós [...]’”. Vale dizer que

a memória é algo pessoal, mas que desenvolvemos e nutrimos no coletivo. Quando nascemos já temos uma sociedade posta com regras, histórias e culturas que influenciam nossa forma de olhar para as experiências que vivenciamos, a forma como interpretamos e armazenamos informações sobre elas, e a nossa constituição enquanto sujeitos, a nossa identidade.

Segundo Halbwachs (1990), a memória individual se faz a partir das interferências adquiridas em meio coletivo, sendo assim, ela está sempre em processo de construção, e se modificando a partir de cada experiência nova adquirida nessas relações socioculturais. Ou seja, a memória é pensada a partir das lembranças do que se vive e das experiências que constituímos nas diversas relações sociais, podendo elas serem lembradas apenas em partes ou em torno de fatos específicos. Nesse sentido, a memória é fruto das experiências boas ou ruins construídas ao longo da vida e elas são retomadas a partir de quando nos deparamos com uma situação que nos remete a elas. Por exemplo, quando ouvimos uma música que marcou nossas vidas em um determinado contexto histórico, ao ouvi-la em outro momento retornamos aquele lugar inicial através da capacidade da memória de reviver de maneira única o passado. No entanto, quando trabalhamos com memória, também trabalhamos com esquecimento. Pois nem todas as experiências que vivenciamos ficam registradas conscientemente em nossas memórias, algumas muitas vezes são esquecidas. Possivelmente, isso ocorre por não terem sido registradas com uma carga de importância (choque ou afeto) suficiente para serem lembradas (IZQUIERDO, 1989; ROSÁRIO. 2002). Conforme destaca Rosário (2002, p. 4):

Não nos lembramos de tudo, nem pessoal nem coletivamente. Lembramos aquilo tem significado, aquilo que é importante. Assim, vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais. Certamente precisamos de ambos para viver. A memória nos faz lembrar de quem somos e o que nos faz querer ir em algum lugar.

A memória é então uma das partes fundamentais para se compreender os caminhos e as histórias das comunidades. Seus aprendizados e experiências são retomados a partir da atividade de entrevista realizada pela História Oral. Compreender a subjetividade das memórias e a importância de cada uma delas é fundamental para essa área de pesquisa.

Além disso, é importante perceber também a contemporaneidade dos relatos, cada pessoa retoma seu passado a partir do seu presente, e sua percepção está em constante transformação. Esse fato faz com que as memórias de um indivíduo possam ser alteradas ao longo dos anos, sofrendo interferências do meio, de outros indivíduos e até mesmo dos estímulos ao qual ele teve acesso no momento da entrevista, que podem servir como *gatilhos de memória*. De acordo com Izquierdo (1989), as memórias também são pensadas a partir de

fatos representativos que observamos em uma pessoa ou cidade, sendo que esse fato é relembrado a partir de nossa relação direta ou indireta com o objeto.

Essa multiplicidade das memórias, acontece, pois, mesmo que várias pessoas vivenciem juntas um determinado acontecimento, cada uma guarda as suas lembranças a partir da constituição de sua identidade. Sendo a identidade dos indivíduos algo em constante construção e reconstrução, as suas memórias também acompanham esse processo. Nesse sentido, Pollak (1989, p.12) relata que

Em todas as entrevistas sucessivas - no caso de histórias de vida de longa duração - em que a mesma pessoa volta várias vezes a um número restrito de acontecimentos (seja por sua própria iniciativa, seja provocada pelo entrevistador), esse fenômeno pode ser constatado até na entonação. Apesar de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de leit-motiva em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Nesse contexto atual no qual temos acesso a uma imensurável gama de informações ao mesmo tempo, são inúmeras informações novas que vão sobrepondo as informações antigas. Daí a importância de ter uma metodologia que arquive as memórias, o que é vivido e o que é lembrado, as experiências dos sujeitos, buscando criar espaços para a compreensão das comunidades, trazendo as experiências e saberes que vão se modificando ao longo do tempo e vão se perdendo por falta de registros. Por esse motivo, escolhemos a metodologia de História Oral pois acreditamos que ela é essencial para entendermos os processos vividos pelas pescadoras e pescadores, e suas diferentes subjetividades, na medida em que os registros escritos de suas atuações são escassos e não alcançam a complexidade de suas trajetórias.

### **2.1.1 Os caminhos da História Oral**

A História Oral busca compreender os diferentes processos que não se pretende quantificar, sendo uma metodologia de cunho qualitativo. Para desenvolvermos a pesquisa com essa metodologia, para além de todo levantamento bibliográfico sobre os conceitos envolvidos no nosso campo de investigação, foi necessário elaborar um projeto de pesquisa planejando todos os fatores relacionados à escolha das pessoas entrevistadas, a realização das entrevistas, as transcrições das gravações, as autorizações para coleta, uso e arquivamento dos registros

produzidos, além da interpretação dos dados obtidos para posterior divulgação dos resultados do estudo.

A elaboração do roteiro é uma etapa crucial para o bom andamento do estudo em História Oral. De acordo com Alberti (2004, p.83), o roteiro tem a finalidade de “promover a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes [...] e constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes”. Entendendo isso, realizamos os primeiros esboços do roteiro com perguntas voltadas à compreensão de suas identidades, que nos auxiliassem a entender as relações familiares, como se deu o aprendizado com a pesca, quais os sentidos da pesca na vida das pescadoras e pescadores, quais as relações que se estabelecem com o rio, suas rotinas de trabalho e os utensílios utilizados, entre outras questões que pudessem auxiliar a compreender o cotidiano da vida daqueles sujeitos.

O roteiro construído foi dividido em três eixos temáticos: *questões iniciais*, que tinha a finalidade de conhecer a pessoa entrevistada com aspectos relacionados a família, residência, lazer e religiosidade; *o ofício de pescadora e pescador*, com o aprendizado para o trabalho, sujeitos envolvidos, locais de pesca, utensílios utilizados e o cotidiano da profissão; e *comunidade*, abordando as relações com as demais pessoas associadas à Colônia dos Pescadores Z-7, período da Piracema, relações de gênero e as visões que a sociedade tem das pescadoras e pescadores. As questões dos 3 eixos foram pensadas com o objetivo de propiciar um momento de partilha de informações que nos permitisse conhecer as pessoas entrevistadas e compreender as memórias relacionadas ao tema da pesca em suas vidas. Nesse sentido, não foi uma entrevista de História Oral de vida, mas uma História Oral temática, com um recorte específico que delimitamos no projeto de pesquisa. Logo, não pretendemos abranger a totalidade das trajetórias de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Conforme destaca Meihy e Holanda (2015, p.19), quanto ao direcionamento da pesquisa em História Oral:

História oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no "tempo presente" e deve responder a um sentido de utilidade prática, social e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas.

A partir da elaboração desse roteiro buscamos identificar na comunidade as pescadoras e pescadores que teriam interesse e disponibilidade em participar pesquisa. Houve dificuldade na ida ao campo de estudo pois em virtude do isolamento social provocado pela pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 não foi possível o contato presencial com as pessoas depoentes. Já que não poderíamos falar com as pescadoras e pescadores de forma

presencial, pensamos em utilizar a comunicação mediada pelos aplicativos digitais. Nesse sentido, fizemos o primeiro contato via *Whatsapp* e realizamos a entrevista gravada pelo *Google Meet*. Durante nossa investigação, descobrimos que a Colônia dos Pescadores Z-7 tinha um grupo de *Whatsapp* ao qual estavam vinculados boa parte das pessoas que trabalham com a pesca na região.

Após a identificação da possibilidade de acesso da comunidade aos meios digitais, começamos a pensar em como adaptar a metodologia de História Oral ao contexto remoto. Tendo em vista que as entrevistas de Histórias Orais, segundo Meihy e Holanda (2015), sempre ocorreram de modo presencial com a presença do entrevistador e do entrevistado no mesmo ambiente, esse foi o grande desafio que já estava sendo enfrentado por outros pesquisadores, o que fomos descobrir durante o levantamento bibliográfico. Santhiago e Magalhães (2020) trazem importantes reflexões em sobre as entrevistas de História Oral realizada por meio digitais, relatando ser uma importante alternativa para a continuidade das pesquisas do gênero, em meio a impossibilidade do contato presencial:

[...] as novas tecnologias não podem ser ignoradas, sobretudo em situações nas quais consistem na única forma de viabilização da pesquisa. O recurso virtual deve ser entendido como mais uma ferramenta a aproximar entrevistador e entrevistado, um recurso de coligação útil, um caminho para o entendimento das complexas interações e dos pontos de vista sobre a história que não estariam disponíveis de outra forma. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 11).

Para o bom andamento dos registros dos depoimentos, é importante ter cuidado com as questões técnicas como qualidade de áudio e vídeo e o local onde a pessoa depoente realizará a entrevista. Além disso, como é fundamental também na forma presencial da metodologia, a pessoa entrevistada deve ter acesso a todas as informações da pesquisa bem como deve expressar sua autorização ao registro, uso e salvaguarda do testemunho.

Como as entrevistas foram todas de forma remota, o registro de cessão de direitos foi feito de maneira gravada no início e ao fim da entrevista, informando a duração da entrevista e repetindo os dados da pesquisa solicitando novamente a confirmação sobre a autorização da participante. Além disso, as entrevistadas e os entrevistados deveriam escolher se autorizavam ou não a utilização de suas identidades na divulgação dos dados da pesquisa. Algumas pessoas entrevistadas preferiram não ter seus nomes divulgados. Nesse sentido, neste trabalho todas as pessoas serão identificadas com codinomes escolhidos por elas. A proposta foi que cada entrevistada e entrevistado escolhesse um nome de um peixe do Rio Tocantins para homenagear e ser mencionado na pesquisa no lugar do seu nome. Das cinco pessoas que participaram desta pesquisa, nenhuma repetiu a escolha do mesmo peixe, o que pode nos permitir pensar a respeito

da multiplicidade da fauna do Rio Tocantins e das múltiplas possibilidades de significados atribuídos pelos sujeitos a esses seres.

As questões metodológicas e éticas colocadas acima, são fundamentais para a pesquisa em História Oral e devem estar presentes tanto em sua forma original, a presencial, quanto na remota, motivada pela impossibilidade de contato presencial, como, no nosso caso, devido ao período de isolamento social, sendo mediada pelas tecnologias digitais de comunicação. Segundo Santhiago e Magalhães (2020, p. 15), atentando a essas precauções, é completamente viável a utilização da Metodologia:

Em lugar de uma forqueadura partida entre a euforia adésista e a recusa absoluta a um tipo de história oral supostamente deformado (pela ausência da interação corpo-a-corpo), devem colocar-se experiências empíricas de entrevistas online, discussões técnicas e procedimentais, debates teóricos e filosóficos vários, todos eles vigiados pelos princípios basilares da história oral: o compromisso com a criação e a preservação de novas fontes, a atenção e o respeito ao entrevistado, a garantia de pluralidade de pontos de vista na pesquisa, a compreensão das implicações das circunstâncias de produção sobre a fonte, e assim por diante. Em práticas profissional e eticamente responsáveis, essas premissas não serão rompidas, seja em ambiente real ou virtual. (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2020, p. 15).

Sendo assim, os meios digitais são uma possibilidade de agregar ao campo metodológico da História Oral, na construção da pesquisa em situações específicas como a causada pelo isolamento social da pandemia causada pelo novo coronavírus *SARS-CoV-2*.

vista disso, a Metodologia adaptada deve ser realizada por pesquisadoras e pesquisadores éticos e responsáveis, considerando os ajustes necessários e o impacto que essas alterações podem causar nas entrevistas. Entre as questões que podem interferir destacamos: diminuição na qualidade de áudio, interrupções no fornecimento de luz e internet, constrangimentos advindos do uso da gravação de vídeo, impossibilidade de troca sensorial entre entrevistadora e entrevistada, interferências de outras pessoas que possam estar perto das pessoas entrevistadas, entre outras questões que devem ser administradas. Todos esses elementos devem ser considerados e devem constituir o campo de análise da pesquisa, devendo interpretar as narrativas considerando os significados que essas intercorrências possam significar e representar no momento das entrevistas e nos relatos presentes nelas.

## 2.2 HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Para compreendermos as diferentes representações construídas e narradas pelas pessoas que são nossas interlocutoras nesta pesquisa, em suas diferentes trajetórias de vida e trabalho, buscamos também apoio na História Cultural. De acordo com Barros (2005), a História Cultural

se desenvolveu enquanto campo de pesquisa a partir do século XX, propondo um olhar para as diferentes culturas, auxiliando na percepção e construção da História a partir das diferentes relações socioculturais e práticas sociais. À vista disso

As noções que se acoplam mais habitualmente à de “cultura” para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de “linguagem” (ou comunicação), “representações”, e de “práticas” (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as “práticas discursivas” como as práticas não-discursivas). Para além disto, a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma “pluralidade de culturas” do que em uma única cultura tomada de forma generalizada [...]. (BARROS,2005, p. 129).

Com essa perspectiva de alcance às diferentes culturas, os registros das memórias, as quebras de silêncios, permitem emergir histórias diferentes de um mesmo período histórico. O pesquisador busca compreender a partir das entrevistas os diferentes lugares de fala, as dores, os silêncios - “não ditos” -, os traumas, dentre outros acontecimentos que por muito tempo foram deixados à margem, pela história oficial (POLLAK, 1989).

Considerando as diferentes subjetividades envolvidas, para o bom desenvolvimento da metodologia de História Oral, o pesquisador deve procurar estabelecer um vínculo com a pessoa entrevistada, para que essa fique o máximo possível confortável para compartilhar suas memórias. Também é necessário entender o contexto das pessoas entrevistadas para assim desenvolver uma entrevista satisfatória e, conseqüentemente, uma análise que se aproxime dos significados e das representações que as pessoas entrevistadas fazem acerca de suas trajetórias de vida e memórias. Sobre essa questão, Matos e Senna (2011, p. 104) relatam que “o entrevistador deve, primeiramente, ouvir, atentar à psicologia da testemunha, conhecê-la e respeitá-la”.

A História Oral tem se constituído como uma importante metodologia na realização de trabalhos acadêmicos de cunho qualitativo e histórico, pois se constitui em um processo de ouvir as versões de diferentes memórias que acontecem no meio social, dando visibilidade e registrando fatos que muitas das vezes ficam esquecidos na narrativa da “história oficial”. Aliada a História Oral, a História Cultural permite estudar e compreender os relatos trazidos nas falas das pessoas entrevistadas, observando as diferentes culturas e relações estabelecidas, buscando pontos de reflexão sobre os significados dos eventos nas trajetórias de vida e as diferentes representações das experiências vividas, construídas pelos sujeitos que as vivenciaram.

Considerando a contemporaneidade dos registros orais, a História Oral é frequentemente atrelada também a um conceito que foi definido pela historiografia como

História do Tempo Presente. De acordo com Dosse (2011, p. 6), “a história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo”. Além dos acontecimentos contemporâneos, a História do Tempo Presente se ocupa também de acontecimentos passados, mas que refletem diretamente no presente, aqueles que de certa forma ainda influenciam a trajetória dos acontecimentos. Nesse sentido, não há um marco temporal pré-definido que delimite a localização de um acontecimento na História do Tempo Presente. Em vista disso,

O historiador deve, desse modo, renunciar a uma postura de domínio que era muitas vezes a sua e que o permitia acreditar que ele podia definitivamente “fechar” os registros históricos. Dessa mudança historiográfica resulta uma ampliação do conceito de “tempo presente” que não é mais considerado um simples período adicional mais próximo. O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo. A noção de “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas (DOSSE, 2011, p. 11).

Nesse sentido, percebemos que as memórias dos acontecimentos passados são essenciais para nossa constituição enquanto sujeitos no presente, para nossa localização no mundo e para nossos conhecimentos a respeito dos outros. A partir do trabalho com História Oral, Memória, História Cultural e a História do Tempo Presente, temos como conhecer as experiências por determinados grupos e analisar, a partir dos relatos nas entrevistas, as diferentes abordagens em torno dos fatos que aconteceram em determinadas comunidades e os diferentes sentidos construídos. Nesse sentido, a História deixa de ter um olhar colonizador, buscando abarcar diferentes vozes e valorizar as experiências e o protagonismo das populações marginalizadas nos registros oficiais, como os povos tradicionais. As fontes orais permitem o acesso as subjetividades das narrativas das comunidades, que trazem diferentes olhares e saberes e, a partir do registro das vivências de seus moradores, contribuir para que as próximas gerações tenham acesso a essas experiências e possam conhecer as diferentes identidades das pessoas que as precederam.

Para compreender como as diversas identidades vão sendo construídas e reconstruídas ao longo das vivências dos sujeitos nos diferentes grupos aos quais pertencem ou tem relações, é importante pensar na constituição do conceito de identidade. Conforme destaca Hall (2006) o conceito de identidade pode ser interpretado historicamente a partir de três concepções. Elas ajudam a pensar como as identidades dos indivíduos são concebidas em diferentes momentos. A primeira concepção é atrelada ao sujeito do Iluminismo. Nessa interpretação, os indivíduos têm suas identidades marcadas a partir dos modos de vidas aprendidos nas relações familiares

do grupo de sua infância, ou seja, a identidade é vista como característica fixa de um grupo e é absorvida por aqueles que vão se integrando a ele. Na segunda concepção, mais vinculada ao sujeito sociológico, o indivíduo tem sua identidade interiorizada a partir do grupo em que vive e dos demais grupos existentes, isto é, a identidade se constrói na relação social estabelecida com os outros grupos exteriores. Esse entendimento se vincula diretamente à ideia de pertencer ou não a um determinado grupo. Logo, é constituída a partir de elementos de aproximação e de distanciamento, geralmente marcados por fatores culturais e/ou geográficos. Por fim, a terceira concepção atrelada ao conceito de identidade, é a do sujeito pós-moderno, na qual os indivíduos sofrem constantemente interferências de outras identidades com a quais compartilham o dia a dia, estando cotidianamente em reconstrução. Sendo sua identidade modificada constantemente a partir de cada ambiente e contexto social em que as pessoas estão e se relacionam, essas interferências vão modificando os modos de pensar e abrindo espaço para múltiplas identidades em um mesmo sujeito:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais (HALL, 2006, p. 12).

Nesse sentido, de acordo com o Hall (2006), a partir do processo de mudanças que a sociedade vive com a chegada da modernidade, é difícil entender as identidades e subjetividades de um grupo delimitada e com fronteiras mais estáticas. A todo tempo os processos de vida são modificados e a constituição das pessoas vai se alternando, em constante construção e reconstrução. Assim sendo, na forma como atualmente a sociedade é constituída, é importante repensar a ideia de identidade como uma coisa fixa. Uma visão mais abrangente e contemporânea considera a possibilidade de compreender as múltiplas identidades, e a possibilidade da predominância de uma delas se alternar durante as diferentes fases da vida dos sujeitos, visto que não há a identidade única e imutável. "As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades 'tradicionais' e as 'modernas'". (HALL, 2006, p. 14).

Considerando as reflexões acima, e os diferentes campos de estudo destacados, neste trabalho é realizada a construção de registros das memórias de algumas pessoas ribeirinhas que atuam com a pesca na região do Bico do Papagaio, sistematizando e analisando seus relatos, buscando compreender a importância da pesca no Rio Tocantins em suas trajetórias, os diferentes significados e representações que essa atividade permite construir em suas memórias,

e, conseqüentemente, as diferentes identidades que se constroem em torno e com o Rio Tocantins.

A partir desse entendimento, buscamos identificar os indivíduos que utilizam o Rio Tocantins como local de trabalho para realizar as entrevistas com base na metodologia da História Oral. Assim, chegamos as pescadoras e pescadores que têm suas vivências marcadas pela relação de vida e trabalho com o Rio Tocantins, vinculados a comunidade constituída pela Colônia dos Pescadores Z-7. Na pesquisa com as memórias de vidas compartilhada por essas pessoas, trabalhamos para compreender as representações e significados da atividade da pesca em seu cotidiano, as diferentes relações entre os sujeitos e as distintas trajetórias de vidas, levando em consideração as relações socioculturais estabelecidas com o Rio ao longo de suas vidas.

### 3 RIO TOCANTINS, ESPAÇO DE VIDA, TRABALHO E RESISTÊNCIA

O Rio Tocantins, segundo Parente e Silva Junior (2019), tem sua origem no planalto goiano, do encontro dos rios Almas e Maranhão, percorre além de Goiás, os estados do Pará, Maranhão e Tocantins. O início de seu povoamento pelos colonizadores é datado no século XVI a partir das navegações de um grupo de europeus que tinha no comando Charles Des Vaux. Eles que denominaram o rio de Tocantins em virtude de uma tribo de indígenas que já habitavam as redondezas (FLORES 2009, p. 45 apud FURTADO 2016, p. 369). Nessa perspectiva, Oliveira (2008, p. 164) relata que o nome Tocantins:

segundo Lysias Rodrigues, lhe “[...] foi aplicado por viver em suas margens a poderosa e valente tribo dos índios Tocantins, daí ser conhecido a princípio como rio dos Tocantins” (RODRIGUES, 2001, p. 39). “O autor ressalta, com base em diversas fontes, que a palavra Tocantins significa nariz de tucano, e que o rio teve outras denominações, atribuídas por diversos exploradores em diferentes épocas.

Furtado (2016) destaca que ao longo dos anos em decorrência das incursões realizadas no rio, a paisagem ia se modificando a partir da presença dos exploradores, que iam moldando as margens do rio de acordo com suas intenções. Nesse sentido, foram se introduzindo no entorno do rio diferentes culturas que foram se sobrepondo as que já existiam, especialmente a dos povos indígenas:

No entorno, expedicionários e missionários iam imprimindo suas marcas na paisagem, lavras eram descobertas e exploradas, pequenos povoados eram criados, missões para realizar a catequese, assentadas, fazendas e currais, edificadas. Casinhas, cruzeiros, igrejas, casas-sedes de fazendas, currais, cercas e cabeças de gado representam os marcos materiais que simbolizavam e demarcavam a presença do colonizador luso-brasileiro no entorno do Tocantins. (FURTADO, 2016, p. 378).

Nessa perspectiva, Parente e Silva Junior (2019) relatam que o Rio Tocantins começa a ser povoado, para além dos povos indígenas que já viviam na região, no século XVIII, a partir das diversas incursões realizadas em busca de metais preciosos. Quando foi percebida a escassez desses metais, pelos colonizadores, se constituíram as primeiras comunidades ribeirinhas com vistas ao cultivo para a aquisição do sustento “vendendo produções de roças, carne de caça e peixe salgado” em outras localidades (CARVALHO, 2006, p. 245 apud PARENTE E SILVA JUNIOR, 2019, p. 162). Em face disso, é possível perceber que a pesca é uma atividade desenvolvida no Rio Tocantins há diversos anos pelos colonizadores e, antes disso, pelas populações tradicionais que habitavam e ainda habitam a região, em especial os povos Apinajé/Apinagé/Apinayé. Atualmente, a pesca contribui para a sobrevivência e geração

de renda de várias famílias que vivem no entorno do Rio Tocantins e com ele se relacionam. Sobre a pesca Diegues (2004, p. 07-08) destaca que:

Sociedades inteiras, em determinados períodos históricos dependeram quase que exclusivamente da pesca, que foi responsável pela reprodução física e social de seus membros, bem como pela importância de representações sociais e culturais que marcaram a vida social, não somente na antiguidade como nos tempos modernos.

Podemos perceber de acordo com o excerto acima que a pesca sempre esteve presente na construção de experiências de vida das sociedades. Na formação das comunidades que vivem ao entorno do Rio Tocantins não foi diferente, pois, como afirma os autores Parente e Silva Junior (2009), a pesca foi uma das atividades que trouxeram renda para as populações ribeirinhas desde o período da colonização.

A partir das reflexões acima podemos perceber que o Rio Tocantins vem exercendo um papel importante para as populações que vivem em seu entorno, contribuindo também para a construção identitária das pessoas que nele/de vivem e trabalham. Nesse sentido, analisaremos o Rio Tocantins a partir da perspectiva proposta por Oliveira (2007, p. 80) na qual “o rio, portanto, é visto e analisado para além dos seus aspectos geofísicos, numa dimensão mais abrangente que leva em consideração a constante interação homem-natureza”. Concordando com a autora, acreditamos que o Rio Tocantins é para além de suas águas, um lugar onde as pessoas vivem, trabalham e constroem suas identidades e suas formas de ver, ser e estar no mundo. No viver com o/do Rio são construídas relações de pertencimento que são aspectos fundamentais nas identidades das populações pescadoras.

Para aqueles que vivem da pesca no Rio Tocantins, diversos são os fatores que impactam no trabalho para sua sobrevivência. A seguir trarei algumas discussões acerca das transformações que acometem os cursos naturais das águas do Rio Tocantins, a ação das pessoas sobre seu fluxo, e a forma como alteram os modos de vida das comunidades ribeirinhas que necessitam do Rio para sobreviver.

### 3.1 TRANSFORMAÇÕES NOS FLUXOS DAS ÁGUAS

A dinâmica de vida dos ribeirinhos do Rio Tocantins se modificou consideravelmente a partir da construção da rodovia Belém-Brasília que impulsionou a exploração da região do Tocantins e contribuiu para a construção de grandes hidrelétricas, que impactaram o fluxo das águas do Rio e as populações que dele dependiam,

O rio Tocantins e suas margens encontram-se hoje bem diferentes da época da ocupação, devido as inúmeras transformações que vêm se processando nas últimas décadas. Com base nas memórias deixadas pelos ribeirinhos, ou sobre eles, por vozes do passado e do momento atual, é possível perceber tanto a multiplicidade de sentidos que o rio adquire como os elementos compartilhados no seu dia-a-dia, como suas representações culturais, além desse sentimento de pertencimento entre eles e o estranhamento com relação ao diferente. (OLIVEIRA, 2007, p 80).

Nesse sentido é possível perceber que o Rio Tocantins foi se modificando e com ele os modos de vida e de trabalho das comunidades ribeirinhas. Acontece que as pessoas que viviam às margens do rio e trabalhavam nele desde o período de sua ocupação enfrentam hoje uma realidade diferente. As atividades, as experiências e seus os modos de vida foram se transformando ao longo dos anos:

Tais mudanças fazem parte de um processo longo e lento, mas que foi significativo para o modo de vida do ribeirinho. As transformações concretas alteram traços de uma identidade, mas alguns de seus elementos constitutivos sempre vão prevalecer e conviver com outros que surgem, senão a cada mudança teríamos novas identidades desvinculadas das anteriores. Nesse processo de construção é necessário um contexto no qual se possa pensar a si próprio, a partir de um olhar externo, pois a realidade é construída pelas representações dos atores, e é a cada situação específica que as crenças de um grupo encontram sua coerência, sendo necessário, portanto, buscar a identidade nos limites, nas fronteiras, nos contatos. (OLIVEIRA, p. 82, 2007).

Diante disso, as identidades das populações ribeirinhas, com as mudanças ocorridas ao longo do tempo, vão se transformando acompanhando as mudanças históricas e geográficas que acontecem em seu entorno. Um exemplo disso pode ser percebido quando uma pescadora ou pescador deixa de praticar a atividade da pesca e vai trabalhar na cidade com outra atividade. Ao mudar sua profissão, ele terá novos conhecimentos e vivências que agregam outro conjunto de significados e esses, por sua vez, transformam a sua forma de ver o mundo.

No caso do Rio Tocantins, uma das importantes questões a serem abordadas são as mudanças que a região vem sofrendo diante dos impactos da modernização e povoamento da região que acarretaram também a instalação de hidrelétricas que modificaram o curso natural das águas, impactando diretamente nas formas de vida das comunidades.

Nesse processo, os ribeirinhos tocantinenses foram adquirindo traços identitários bem particulares, marcados por características regionais e culturais, resultantes do contexto da região, das atividades desempenhadas por eles e dos contatos com diferentes grupos étnicos e com novos imigrantes. A vida dos moradores beira-rio era bastante dinâmica, repleta de experiências e de conhecimentos peculiares. O elemento que mais contribuiu para essa dinamicidade foi a atividade da navegação, predominante nesse meio, pois ela mantinha os ribeirinhos em constante relação com outros moradores das margens do rio, chegando até Belém. O processo de modernização na região - substituição dos barcos a remo pelos barcos a motor, advento dos aviões (antes mesmo do automóvel), abertura da rodovia Belém-Brasília, construção de pontes e de barragens - influenciou de modo marcante na construção/reconstrução dessa identidade e fez com que mudanças passassem a ocorrer com mais rapidez:

aumento populacional com a imigração, crescimento das cidades, desenvolvimento dos transportes e da produção agrícola, etc. (OLIVEIRA, 2008, p. 166-167).

Entender o que todas essas mudanças significaram e significam é fundamental para que possamos realmente compreender as vivências dos povos ribeirinhos. O processo de mudança avassalador que o Rio Tocantins vem sofrendo, com o intuito de trazer benefícios, também compromete os modos de vida das comunidades que resistem e buscam garantir as suas diferentes formas de sobrevivência. Sobre isso Souza et al (2016, p. 129-130) dispõem que

Com o passar dos anos e com a chegada da barragem, o perfil dos pescadores da região vem mudando. Além da atividade pesqueira os pescadores, fazem pequenos bicos para complementar sua renda. Alguns praticam atividade como guia turístico, outros possuem sua própria peixaria.

A construção das hidrelétricas e a forma como essas impactam as águas acabam interferindo nos modos de vida e trabalho das populações que tem os rios como um lugar de sobrevivência e geração de renda, transformando suas identidades e formas de viver.

Quanto a construção das hidrelétricas no Brasil e as populações ribeirinhas, Machado (2020, p. 62) ressalta que “o modelo energético brasileiro tem sido um dos grandes agressores a essas comunidades que, há anos, fazem uso do meio natural, e, em decorrência da implantação destes projetos, vêm sofrendo com os impactos em seus modos de vida”.

Sendo assim, percebemos que uma barragem pode trazer benfeitorias para sociedade, mas também, quando construída sem um planejamento adequado, respeitoso e responsável com as populações de seu entorno, traz destruição e essa destruição não é mostrada no seu desenvolvimento e na sua implementação na prática (SOUZA, et al, 2016).

Parente e Silva Junior (2019, p. 158) ressaltam que o Rio Tocantins que anteriormente era um manancial de águas correntes, passou, devido as hidrelétricas, a uma “‘escadaria’ de lagos artificiais”. O fato responsável pelo impacto das transformações no fluxo das águas do Rio Tocantins, que afetou diretamente as populações ribeirinhas da região de Tocantinópolis, foi a construção da Usina Hidrelétrica em Estreito, no Estado do Maranhão. Esse processo resultou em mudanças significativas que afetaram as relações sociais, culturais, de trabalho e de saúde da população.

A população ribeirinha de Babaçulândia-TO e Filadélfia-TO também foi afetada com a construção da barragem em Estreito-MA. Com a implementação da Usina Hidrelétrica na cidade de Estreito-MA houve a desapropriação da comunidade do assentamento Ilha de São José, localizado às margens do Rio Tocantins, provocando a realocação de várias famílias em reassentamento diferentes. As comunidades tiveram que se adaptar com uma realidade bem

diferente da que estavam acostumados em seus territórios, pois, de acordo com o estudo de Lucena, Almeida e Nunes (2017, p. 325):

Com o impacto, não perderam somente suas casas, mas também a própria identidade de ribeirinhos, de povos das florestas, foram desterritorializados, tiveram que se acostumar com a vida nos reassentamentos, porções de terras delimitadas, estas geralmente degradadas por fazendeiros da região. Encontram dificuldades no acesso aos recursos hídricos, falta de saneamento básico. Essa é a realidade dos reassentamentos do nordeste do Tocantins.

Essas questões nos fazem perceber que toda alteração realizada nos fluxos das águas dos rios deve ser muito bem planejada considerando as populações que vivem em seu entorno, para que sejam respeitadas as diferentes culturas, valorizando as formas de pertencimento que as comunidades têm com seu entorno. Caso assim não ocorra, se cria uma situação de exclusão e sofrimento.

Por interferir nos processos naturais de desenvolvimento dos rios, causando desequilíbrios ambientais, desde a morte de peixes a mudanças das cores das águas, essas interferências geram mudanças nas relações de trabalho vivenciadas pelas comunidades ribeirinhas. Conforme Souza et al. (2016, p. 126-129) pontuam:

Houve algumas alterações nos instrumentos utilizados na pesca, o jeito de pescar mudou, antes pescavam mais com anzol e espinhel, não era por falta de recursos para adquirir uma rede de pesca ou tarrafa, eles não tinham necessidade de pescar com rede, pois a disponibilidade de peixe era abundante e em poucas horas pescavam a quantidade desejada. Hoje em dia para pescar uma boa quantidade de peixe usam redes de malha.

Diante disso, podemos perceber como as modificações trazidas pelas mudanças nos fluxos das águas foram alterando os modos de trabalho das pescadoras e pescadores que vão da utilização de canoas a remos a barcos a motor (OLIVEIRA, 2008). Percebemos que as mudanças no percurso do Rio Tocantins foi modificando e transformando os modos de vida das pescadoras e pescadores, que vão ajustando as suas experiências de trabalho conforme o que o ambiente exige. Entender como essas transformações vão sendo percebidas pelas comunidades e como elas impactam na geração de renda para sobrevivência e na construção de suas identidades são as questões nos motivaram a realizar a pesquisa. Sobre a renda a partir da água:

A renda da água significa uma interpretação sobre as atividades desenvolvidas no trabalho da pesca considerando a constituição dos fatores socioeconômicos e ambientais, já que a teoria da renda se refere a uma capitalização dos recursos disponíveis, sejam eles a força de trabalho e as condições de acesso ou transformações dos bens e recursos. (RAPOSO, 2011, p.03).

Assim, é possível compreender que, a água é um ambiente de trabalho que oferece para as pescadoras e pescadores uma forma de geração de renda, a partir de suas forças de trabalho.

Diegues (2004) aponta que existe no Brasil diferentes formas de organização do trabalho com a pesca e em cada uma dessas formas são percebidas características distintas, são elas: *a pesca de subsistência, a pesca realizada dentro dos moldes de pequena produção mercantil e pesca empresarial-capitalista.*

A *pesca de subsistência* é normalmente praticada pelas populações tradicionais como as indígenas, ribeirinhas e outras. Nelas a pesca é realizada junto com outras atividades no campo que lhes dão subsistência e não tem intuito comercial. Já a *pesca realizada dentro dos moldes de pequena produção mercantil* destaca-se por objetivar a venda. Os pescadores pescam em grupos ou individualmente – podendo também ser realizadas em grupos familiares - para venda utilizando alguns utensílios como redes e canoas de fabricação própria ou de alguém de dentro da comunidade. Nela temos a produção mercantil simples dos pequenos produtores litorâneos. Nesse contexto, se insere a *pesca dos pescadores-lavradores* na qual a pescadora ou pescador começa a pesca para consumo e para venda contribuindo assim na sua geração de renda. Aos poucos essa modalidade pode começar a introduzir pessoas de fora dos laços familiares com o intuito de somar os custos e despesas que são gastos no desenvolvimento do trabalho.

Neste caso, é a pesca que mantém o contato mais intenso entre esses pequenos produtores, donos de seus aparelhos de pesca, com o mercado, através, em geral, do intermediário, que em um primeiro momento é o mesmo comerciante que lhes comprava o pequeno excedente agrícola, comercializado em vilas ou cidades. À medida que a pesca passa a se tornar mais intensa e o excedente maior, a dependência em relação ao intermediário (pombeiro ou atravessador) cresce proporcionalmente. No fundo, esse pequeno produtor não se reproduz somente como pescador; é na lavoura que se definem as condições de reprodução mais importantes. Ele se sente mais à vontade junto à casa de fazer farinha, no cultivo de seu pequeno pomar que no calão de seu "picaré". (DIEGUES, 2004, p. 135).

Assim, nessa modalidade, as pessoas desenvolvem o trabalho com a pesca de uma forma tradicional para consumo de sua família e para vendas externas, tendo essa atividade somada a outras atividades do campo que lhe ajudam no seu sustento.

Juntamente com a *pesca dos pescadores-lavradores*, na categoria identificada por Diegues (2004) como *pesca realizada dentro dos moldes de pequena produção mercantil*, há outra abordagem, a *pequena produção mercantil pesqueira (ampliada): o pescador artesanal*. Nessa, a pesca passa a ser a principal na fonte de renda, onde o pescador e o pescador exercem a força de trabalho apanhando os peixes e os comercializando para grupos de compradores, denominados de atravessadores. O valor de compra ofertado pelos atravessadores é o que vai definir a renda que tirará na sua atividade de pesca. Podendo ser realizada também por famílias, a pesca artesanal gera uma necessidade de investimento em barcos e, por vezes, em tripulação,

sendo praticada mais por parceiros de negócios que dividem os lucros da produção. Além disso, nesses moldes, por vezes aparecem pessoas que detêm os barcos e utensílios e outras que oferecem sua mão de obra, em troca de parte do pescado. Segundo o autor, é nessa modalidade que passam a surgir as pescadoras e pescadores por profissão, que vivem exclusivamente da atividade pesqueira:

Desta maneira, o pescador "artesanal" passa a se reproduzir e reproduzir suas condições de existência na pesca, voltada fundamentalmente para o comércio. O mercado é o objetivo de sua atividade, ainda que o "balaio" ou cesto de peixe para o autoconsumo separado antes da partilha constitua uma das bases de sua sobrevivência e de sua família. (DIEGUES, 2004, p. 136-137).

Por fim Diegues (2004) destaca a *pesca empresarial-capitalista*. Essa modalidade acontece com o propósito de servir ao mercado capitalista em maior escala. A pescadora e pescador recebe um salário para desenvolver seu trabalho, sendo obrigado a receber ordens dos donos das empresas responsáveis pela pesca, não tendo posse dos meios de produção e autonomia sobre seu trabalho. Nesse modelo são implementados maquinários para maximizar a escala de produção.

Esses modelos não são rígidos, podendo as pescadoras e pescadores transitar entre eles e por vezes mesclar as características de uns com outros de acordo com as diferentes condições de vida e sobrevivência das comunidades e suas necessidades.

Nesse sentido, compreendemos a partir dos relatos coletados que os pescadoras e pescadores que participaram desta pesquisa transitam na modalidade denominada por Diegues (2004) de *pesca realizada dentro dos moldes de pequena produção mercantil*, sendo identificadas a coexistência das duas subcategorias dessa modalidade: a dos *pescadores-lavradores* que, segundo o autor, são aqueles para os quais a pesca ocorre para o consumo próprio e para a venda, sendo a renda de suas famílias fruto do trabalho com a pesca e com a terra; e a dos praticantes da *pequena produção mercantil pesqueira (ampliada): o pescador artesanal*, que, segundo o autor, são aqueles para os quais a pesca se torna a principal fonte de renda, sendo o foco da atividade a comercialização e podendo ser desenvolvida em grupos de trabalho, sendo esses familiares ou não.

Para aqueles e aquelas que vivem apenas da pesca e a exercem dentro dos moldes da pequena produção mercantil são várias os desafios. Um olhar mais desavisado julgará as águas como um recurso ilimitado para as comunidades de pescadoras e pescadores, no entanto, há uma série de dificuldades relacionadas a sazonalidade dos peixes - com a necessidade de pausar a pesca para respeitar os períodos de proliferação das espécies-, a aquisição de habilidades de

produção dos utensílios básicos pra atividade, a busca de locais mais propícios para a pesca, aos cuidados de saúde com relação à exposição excessiva ao sol, entre outras questões. Essa sazonalidade é, por vezes, desconsiderada no valor final do pescado, o que incorre em prejuízo as pescadoras e pescadores, visto que:

as condições de demanda e comercialização do pescado não acompanham os custos relativos ao processo de trabalho e a sobrecarga da exploração de determinadas áreas que, ao longo dos últimos anos, se tornaram escassas e altamente controladas pela pressão interna de comunidades e grupos sociais, resultado da intensificação da pesca comercial. (RAPOSO, 2011, p.12).

Essa sobrecarga advém da exploração desenfreada dos recursos naturais que impactam de diferentes formas as populações ribeirinhas. As discussões acima colaboram para compreendermos as complexas relações que envolvem os estudos relacionados as pescadoras e pescadores e para compreendermos como se dá a relação de sobrevivência da comunidade pesqueira com o Rio Tocantins e como os movimentos nas/das águas influenciam nas trajetórias de vida dos povos ribeirinhos e impactam o modo de vida e nas identidades das comunidades em seu entorno. A partir dessas reflexões será possível compreender a importância do Rio Tocantins para a geração de renda das pessoas que moram na cidade de Tocantinópolis e que nela constroem suas histórias.

## 4 EXPERIÊNCIAS COM A PESCA NA COMUNIDADE DE TOCANTINÓPOLIS – TO

Neste capítulo abordaremos os relatos de pescadoras e pescadores que desenvolvem o trabalho com a pesca no rio Tocantins, na comunidade de Tocantinópolis- TO, trazendo as memórias dos aprendizados e experiências construídas pelas pescadoras e pescadores no desenvolvimento das pescarias no seu dia a dia. Abordaremos as falas das entrevistadas e entrevistados a partir de suas subjetividades, mostrando as vivências e as experiências construídas nas suas trajetórias de vida, evidenciando assim suas representações e os significados dos saberes e fazeres da lida com a pesca no Rio Tocantins.

A partir da abordagem qualitativa de História Oral, realizamos entrevistas com pescadoras e pescadores vinculados a Colônia de Pescadores Z-7, do município de Tocantinópolis. Sobre a denominação das Colônias de Pescadores, o Decreto-Lei n. 794, de 19 de outubro de 1938, que *aprova e baixa o Código de Pesca*, destaca que:

Art. 9º As colônias de pescadores são agrupamentos de pescadores atuando numa mesma zona e constituídas, no mínimo, por 150 (cento e cinquenta) profissionais de pesca.

Parágrafo único. As colônias serão designadas pelo prefixo “Z”, seguido do número de ordem que lhes couber no seu respectivo Estado e estabelecer-se-ão em zonas limitadas pelo Serviço de Caça e Pesca. (BRASIL, 1938).

Em Tocantinópolis, a Colônia de Pescadores recebeu a denominação de Z-7. De acordo com a página da Colônia de Pescadores Z-7, na rede social *Facebook*<sup>1</sup>, sua fundação foi no dia 23 de novembro de 1997. Não foram encontradas durante a pesquisa fontes escritas que trouxessem mais elementos sobre a criação e o funcionamento da Entidade.

Buscando trazer as memórias a partir das narrativas dos entrevistados e entrevistadas, dando ênfase às suas experiências de vidas relacionadas a atividade da pesca refletindo as mudanças percebidas no ofício ao longo dos anos, os sentidos e significados que a atividade tem em suas vidas e como construíram suas trajetórias de pescadoras e pescadores.

### 4.1 TOCANTINÓPOLIS

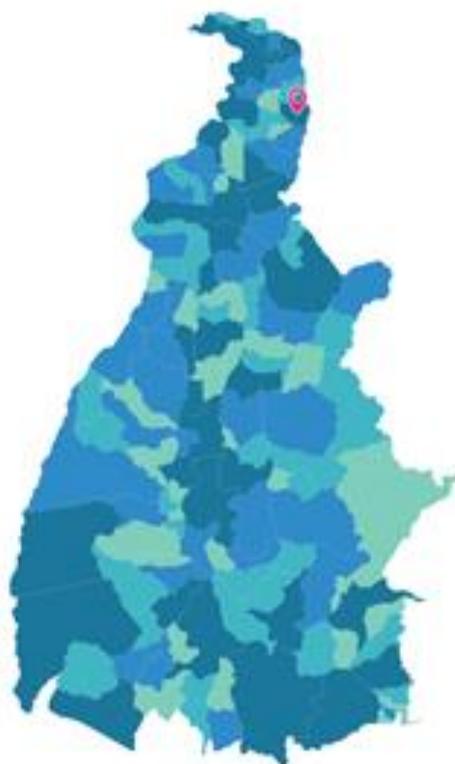
Nosso lócus de pesquisa é a cidade de Tocantinópolis- TO – antiga Boa Vista -, que tem o Rio Tocantins como divisa com a cidade de Porto Franco- MA. A cidade se localiza ao Norte do Estado do Tocantins em uma região conhecida como Bico do Papagaio, composta por 25 municípios. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a cidade

---

<sup>1</sup> Colônia dos Pescadores Tocantinópolis. 2022. Disponível em: <<https://www.facebook.com/coloniadospescadores.tocantinopolis>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

começou a ser povoada em 1818, a partir da vinda de Antônio Faustino e Venâncio que tinham a missão de conquistar os indígenas que já viviam naquelas terras. Quando chegaram na localidade, atribuíram o nome de Boa Vista do Tocantins. Nesse contexto começa o povoamento das terras por pessoas vindas do Maranhão, Piauí e Ceará. Em 1943, a cidade passou a se chamar Tocantinópolis- TO. De acordo com o último censo, realizado em 2010, a cidade contém 22.619 habitantes (IBGE, 2010). Além disso, dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2022) indica que 44,65 % do território de Tocantinópolis é ocupado pela Terra Indígena Apinayé, sendo essa uma importante característica étnica do município. Abaixo trazemos o mapa do Tocantins com a marcação em vermelho de onde está localizada a cidade de Tocantinópolis. O Rio passa a direita da marcação, na parte Leste da cidade, estabelecendo as divisas de duas regiões do Brasil: a região Norte, representada pelo Estado do Tocantins, e a região Nordeste, representada pelo Estado do Maranhão.

Figura 1 Mapa do estado do Tocantins, indicando o município de Tocantinópolis- TO



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>

#### 4.2 CONTATO COM AS PESCADORAS E OS PESCADORES

O contato inicial com a comunidade de pescadoras e pescadores ocorreu a partir do contato feito pelo aplicativo de mensagens *Whatsapp* com o atual presidente da Colônia dos Pescadores Z-7, da região de Tocantinópolis-TO. A partir desse diálogo, detectamos que em decorrência do contexto pandêmico, a comunidade já fazia uso de aplicativos digitais para a comunicação, especialmente o *Whatsapp* e o *Google Meet*. Essa descoberta nos deu mais tranquilidade quanto a possibilidade de executar a entrevista que, a princípio, tinha sido planejada para ter a fase de pesquisa de campo de forma presencial, com visitas as pessoas entrevistadas.

A escolha das pescadoras e pescadores se deu a partir do contato inicial feito pelo grupo de comunicação da Colônia de Pescadores Z-7 pelo *Whatsapp*. O presidente da Colônia inseriu a professora orientadora desta pesquisa no grupo e foi realizado um convite geral explicando alguns aspectos básicos da pesquisa buscando a manifestação de interesse colaborar com a pesquisa. Embora o grupo tenha mais de 200 participantes, somente 3 pessoas manifestaram interesse em colaborar, nesse primeiro contato. Posteriormente foi realizado o contato com a primeira pessoa que havia manifestado concordância em colaborar. O contato foi feito por mensagem de texto e áudio pelo *Whatsapp* explicando os objetivos e metodologia a ser adotada nas entrevistas. Era informada a possibilidade de anonimato bem como a necessidade de gravação da conversa e autorização expressa de gravação, arquivamento e uso de áudio e vídeo. Após a primeira entrevista, foi se formando uma rede de contatos vinculada a esse primeiro participante que mobilizou vários colegas a participar da pesquisa.

Após a realização das entrevistas e com a manifestação gravada da cessão de direitos sobre os depoimentos, foram realizadas as transcrições com máximo cuidado possível, optando-se por manter a coloquialidade da fala na redação, buscando não interferir com correções ou ajustes na tentativa de adaptar a linguagem coloquial a norma culta da Língua Portuguesa. Essa opção de manter a transcrição o mais próximo possível da oralidade expressa nas entrevistas se dá por acreditar que a forma de falar e os termos utilizados também refletem as subjetividades dos sujeitos, sendo fundamentais para conhecer as pessoas envolvidas na pesquisa.

Após, foram realizadas as análises das informações registradas, levando em consideração aspectos relacionados às trajetórias de vida dos sujeitos da pesquisa, sob a perspectiva de análise da História Cultural e da História do Tempo Presente (CHARTIER, 1988; PESAVENTO, 2004; DOSSE, 2012).

### 4.3 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

As entrevistas foram realizadas com cinco pescadoras e pescadores, sendo três mulheres e dois homens. Como algumas pessoas optaram por manterem as suas identidades em sigilo, foi necessário pensar numa alternativa para referência dos sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, para não utilizar letras e buscando uma abordagem mais poética e vinculada ao objeto da pesquisa, propusemos a utilização de pseudônimos para as pescadoras e os pescadores. Esses pseudônimos seriam escolhidos por elas e eles a partir de um peixe da região que tivessem simpatia, proximidade, alguma relação de afeto ou admiração estética.

O critério de escolha do peixe que iria representar cada pessoa entrevistada era livre e amplo, podendo cada uma escolher pelo motivo que mais lhe coubesse. Para tal, foram feitos novamente contatos via *Whatsapp* com cada uma das pessoas entrevistadas, em ordem de realização das entrevistas, explicando a proposta e coletando os pseudônimos escolhidos. Curiosamente, não houve repetição de nenhum peixe na escolha, o que demonstra uma pluralidade de preferências e olhares entre os sujeitos participantes da pesquisa.

Como já mencionado, as entrevistas foram realizadas pelo aplicativo *Google Meet* em dias aleatórios, de acordo com a disponibilidade de cada pescadora e pescador, assim, cada entrevista foi marcada e realizada em dias diferentes. É importante mencionar, como característica metodológica, que no decorrer das entrevistas aconteceram algumas interferências de outras pessoas da família – esposa, filhos, netos - devido ao fato de as e os participantes estarem em seus ambientes familiares. Na forma tradicional da História Oral, busca-se evitar ao máximo a presença do entrevistado em ambientes onde possa haver distrações e intercorrências de outras pessoas no momento da entrevista. Nesta experiência que vivenciamos, adaptando a metodologia presencial de História Oral, não conseguimos resolver essa questão, logo, assumimos que as intercorrências fariam parte do processo de coleta de dados e prosseguimos com as entrevistas.

As entrevistas com as pescadoras foram realizadas pela autora deste estudo, a professora orientadora, que também coordena o projeto *Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins*, vinculado ao GEPHEA, e por outra discente do curso que integra o projeto e fará seu TCC sobre as mulheres pescadoras na região de Tocantinópolis. Já as entrevistas com os pescadores foram realizadas apenas pela pesquisadora deste TCC e a professora orientadora.

A seguir, traremos na sequência informações relacionadas a biografia das entrevistadas e entrevistados, por ordem de realização das entrevistas. A ordem das gravações das entrevistas foram as seguintes: o pescador Filhote (que exerceu importante papel na construção da rede de

depoentes da pesquisa, todas e todos os demais participaram por indicação dele), a pescadora Piau Cachoeira, o pescador Tucunaré, a pescadora Dourada e a pescadora Pacu Manteiga.

**Filhote – Pescador.** Nasceu no dia 6 de fevereiro de 1968 na cidade de Tocantinópolis-TO. Desenvolve o trabalho com a pesca no Rio Tocantins desde a infância pois é filho de mãe e pai pescadores. Quando conheceu sua esposa, ela não era pescadora, sendo ele o responsável por envolvê-la na pescaria. Tem quatro filhos, sua família toda sabe pescar, mas somente ele e sua esposa atuam de forma profissional. Faz parte da Colônia dos Pescadores Z-7 há cerca de 30 anos. O entrevistado relata que ensinou seus filhos as técnicas de pescarias, mas eles as desenvolvem apenas como lazer, trabalhando em outras áreas. O entrevistado estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. É um representante da categoria bastante conhecido na região por lutar por melhorias para as pescadoras e pescadores e ajudar as e os colegas de trabalho quando necessário. Já participou de diversos projetos de pesquisa vinculados à temática do Rio Tocantins, demonstrando bastante desenvoltura e vontade de contar suas memórias. Sua renda é exclusivamente fruto do trabalho com a pesca. A entrevista com o Filhote foi realizada no dia 16 de agosto de 2021 e teve duração de 1 hora e 40 minutos.

**Piau Cachoeira – Pescadora.** Nasceu no dia 04 de julho de 1969 na cidade de Sitio Novo do Tocantins- TO, atualmente mora na cidade de Tocantinópolis- TO. É casada com um pescador, tem dois filhos, sendo um homem e uma mulher e tem duas netas. Seu filho desenvolve a pesca e sua filha desenvolvia quando criança, mas depois de adulta não demonstrou interesse em continuar. A entrevistada estudou até o 1º ano do Ensino Médio, não tendo concluído sua escolarização devido a problemas de saúde. Ela se considera pescadora desde 2005 quando se registrou na Colônia de Pescadores Z-7. Além da pescaria, gosta de fazer artesanatos em crochê como prazer e complemento de renda. A entrevista com a Piau Cachoeira foi realizada dia 19 de outubro de 2021 e teve duração de uma 1 hora e 15 minutos.

**Tucunaré – Pescador.** Nasceu no dia 27 de março de 1973 na cidade de Porto Franco-MA. Atualmente mora na cidade de Campestre do Maranhão-MA, é casado e tem três filhos. Filho de pescadores e lavradores, aprendeu a técnica de pescaria a partir dos ensinamentos de seus pais. O entrevistado estudou até a 1ª série do Ensino Fundamental e não continuou os estudos devido ao fato de morar em um lugar distante da escola. Hoje é pescador profissional registrado na Colônia de Pescadores Z-7 desde 2003, mas aprendeu a pescar ainda criança. Sua esposa também é pescadora, eles se conhecem na infância pois moravam próximos. Ele

desenvolve a pescaria e o cultivo de plantações de roças na beira do Rio Tocantins onde tem um pedaço de terra. Ensinou os seus filhos desde muito cedo as técnicas das pescarias, mas eles pescam apenas nos momentos de lazer. Sua renda é fruto das pescarias e das plantações que cultiva na sua roça. A entrevista com o Tucunaré foi realizada no dia 22 de outubro de 2021 e teve duração de uma 1 hora e 47 minutos.

**Dourada – Pescadora.** Nasceu no dia 14 de março de 1970 na cidade de Tocantinópolis- TO, onde reside atualmente com seu companheiro e cuida de sua tia que tem problemas de saúde. Seus dois filhos moram em outra cidade. Seu companheiro era pescador, mas atualmente não exerce o trabalho com a pesca, pois trabalha em uma empresa chamada Ipê Amarelo. Estudou até a 3º ano do Ensino Fundamental, não continuou os estudos pois vivia em terras indígenas e lá as escolas eram distantes, mas aprendeu a ler e escrever. Quando veio morar na cidade não conseguiu continuar os estudos pois teve que trabalhar e cuidar da sua mãe que tinha problemas de saúde. É pescadora registrada na Colônia de Pescadores Z-7 desde 2005, atuando desde então de forma profissional, mas pesca desde sua infância pois vivia próximo ao rio. Foi a partir do incentivo de um dos presidentes da Colônia de Pescadores Z-7 que se registrou como pescadora. Atualmente vive da pesca e desenvolve atividades de serviço doméstico para complementar a renda. A entrevista com a Dourada foi realizada dia 11 de novembro de 2021 e teve duração de 1 hora e 8 minutos.

**Pacu Manteiga – Pescadora.** Nasceu no dia 14 de setembro de 1956 na cidade de Carolina- MA, morou na cidade de Lajeado do Maranhão e depois veio para Tocantinópolis- TO ainda bem jovem. Tem oito filhos, sendo dois já falecidos. Dos seis ainda vivos apenas um dos filhos gosta de pescar. Seu companheiro que lhe acompanhou 12 anos na pescaria morreu de problema no coração e hoje ela vive sozinha, tendo a companhia de uma de suas filhas que mora bem próximo a sua casa. Aprendeu a pescar com sua mãe, pois seu pai morreu muito cedo, no início desenvolvia a pesca somente para consumo e hoje para consumo e comercialização. Criou seus filhos sozinha fazendo rede de pescarias que aprendeu com uma vizinha e trabalhando como doméstica, contando apenas com a ajuda de sua mãe. Estudou até a 4º série do Ensino Fundamental e precisou parar seus estudos para se dedicar ao trabalho na roça. Quando vinha para cidade trabalhava como lavadeira. Sempre pescou no Rio Tocantins que fica bem próximo de sua casa. Hoje sua renda é constituída do trabalho com a pesca e das vendas de redes e tarrafas produzidas por ela. A entrevista com a Pacu Manteiga foi realizada no dia 19 de novembro de 2021, com duração de uma 1 hora e 24 minutos.

Várias informações foram abordadas nas entrevistas. Acima trouxemos algumas informações gerais no intuito de apresentar as pessoas que participaram da pesquisa, trazendo alguns elementos que as caracterizam e distinguem. Os questionários formulados e utilizados com as pescadoras e pescadores estão ao final do trabalho na sessão de Apêndices.

A seguir fazemos algumas análises possíveis das memórias trazidas nos relatos sobre as diversas relações vivenciadas e construídas nas suas trajetórias de vidas no trabalho com a pesca na comunidade. Ressaltamos que dada a riqueza de informações trazidas nos cerca de 434 minutos de entrevistas, foram necessárias escolhas de análises considerando um recorte possível a um TCC, não excluindo outras tantas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, foram consideradas para diálogo neste TCC a forma de aquisição das aprendizagens relacionadas a pesca e os impactos percebidos relacionados a mudança dos fluxos das águas do Rio Tocantins na percepção das pescadoras e pescadores entrevistados.

#### 4.4 O TRABALHO COM A PESCA NO RIO TOCANTINS A PARTIR DOS RELATOS DAS PESCADORAS E PESCADORES

Para Hall (2006) as identidades são constituídas a partir do contato do indivíduo com o grupo interior que vão sofrendo interferências com os grupos exteriores. Considerando esse conceito, notamos que as pescadoras e pescadores têm suas identidades construídas levando em consideração todos os processos culturais vivenciados em suas famílias, grupos sociais e na relação direta com o Rio e suas transformações.

Na construção da rede de práticas e sentidos, observamos que o aprendizado do ofício da pesca foi desenvolvido a partir do contato com familiares, parentes, vizinhos e amigos que já tinham esse conhecimento e a experiência no trabalho com o Rio. Sobre a forma de aquisição do aprendizado da pescaria, quando questionados, a maioria relatou que se deu ainda na infância quando os pais os levavam para pescar, conforme destaca Filhote (2021): “Desde criança, desde criança, meu pai levava nós tudo para o rio”. Contrariando a maioria, a pescadora Piau Cachoeira (2021) nos conta que seus pais não gostavam de peixe e que ela aprendeu a pescar com o marido e com a sogra:

Eu aprendi a pescar com minha sogra e meu marido que meus pais não gostavam de peixe e nem eu não comia peixe, meus pais não comia e não deixava a gente comer né aí quando eu casei aí sim aí acostumei a comer peixe, aprendi a comer peixe e aprendi a pescar. (PIAU CACHOEIRA, 2021).

A partir das narrativas compartilhadas foi possível identificar que as pescadoras e pescadores adquirem suas experiências a partir das vivências e aprendizagens nos grupos familiares e comunitários nas diferentes relações vividas com o/no Rio Tocantins, e que essas são passadas de geração em geração a partir do grupo social em que vivem. Mediante isso, a atividade com a pesca começa na infância e perpassa até a fase adulta como uma forma de subsistência das famílias. Santos et al. (2012 apud Silva et al., 2021) destacam com relação a importância social da pesca:

A pesca é uma atividade de grande relevância econômica por representar uma importante fonte de alimento e renda para uma representativa parcela da população mundial (FAO, 2016). Sobretudo, a pesca artesanal tem uma importância social, local e regional, e por tradição se tornou uma fonte de subsistência para populações ribeirinhas, que dependem da pesca e das atividades com ela relacionadas.

A pesca artesanal tem um grande significado na vida das pescadoras e pescadores visto que é uma técnica aprendida desde muito cedo, numa rede de afetos, e que acaba por significar futuramente uma possibilidade de garantir a sobrevivência de suas famílias.

De fundamental importância para as pescadoras e pescadores entrevistados, a pesca é uma atividade cheia de altos e baixos devido aos fluxos das águas e dos peixes e todas as intercorrências possíveis relacionadas a eles. Sendo assim, a renda gerada por esse trabalho é incerta pois nem sempre se sabe a quantidade de peixes que vai se pescar em um dia de trabalho podendo ser uma quantidade alta ou uma baixa:

Dessa forma, somente porque os recursos pesqueiros não são ilimitados em quantidade nem uniforme na qualidade, e porque a crescente demanda do mercado impõe as condições comerciais, o trabalho na pesca tende a propiciar aos pescadores as desvantagens no processo de obtenção de suas rendas. (RAPOSO, 2011, p.12).

Em vista dessa dificuldade e da insegurança vivenciada pelas pescadoras e pescadores, percebemos nos relatos das pessoas entrevistadas que não há interesse em ensinar suas filhas e filhos a pesca como profissão, mas apenas enquanto atividade de lazer. É citada a dificuldade de se viver da pesca, com uma quantidade de peixe aquém do esperado para que se possa vender e garantir uma sobrevivência de maneira satisfatória. Nesse sentido, muitos recorrem a outras fontes complementar de renda, como já destacado na apresentação das pessoas entrevistadas. Vivenciando a dificuldade passada pelas mães e pais e sendo desestimulados a pesca enquanto profissão, as filhas e os filhos das pessoas entrevistados não demonstram interesse em ter como fonte de renda o ofício de suas mães e pais. Sobre essa questão, Filhote (2021) relata que

Muito triste, vendo uma situação dessa né e eles tinham eu como espelho né, é como pescador né que até hoje eles têm, mas eu mesmo que pedi para que eles não se

envolvessem na pesca, porque o que é o pescador hoje? Antigamente né, na verdade, o pescador antigamente que ia pescar era o pescador que não tinha estudo, o pessoal chamava ele de analfabeto, ai hoje não, hoje tem estudo o pescador é formado no monte de coisa, mas mesmo assim eu optei que meu filho procurassem outra atividade, por causa disso, por causa da falta do peixe que a gente já vinha percebendo já, aí eu fui e falei: não meus filhos, vocês estudem e cassem outra atividade.

Com as transformações climáticas e estruturais no fluxo das águas, principalmente advindas da construção da Hidrelétrica de Estreito-MA, que afetam a fauna e a flora da região, a atividade da pesca artesanal está perdendo adeptos. Sobre a construção da hidrelétrica a pescadora Pacu Manteiga (2021) relatou que impactou o seu trabalho com a pesca “Modificou, porque o peixe ficou mais difícil, porque a maioria dos peixes fica preso lá pra cima, não tem mais a fartura de peixe que tinha aqui pra baixo, diminuiu foi muito depois dessa usina que fizeram lá, a barragem que eles fizeram lá”. O fluxo das águas do Rio Tocantins é no sentido Sul-Norte, sendo assim, quando Pacu Manteiga (2021) diz que os peixes ficam presos “lá pra cima”, ela está se referindo ao fato de os peixes não chegarem até a cidade de Tocantinópolis-TO, localizada geograficamente ao Norte da cidade de Estreito-MA, onde está localizada a Hidrelétrica.

Percebemos na narrativa acima que esse empreendimento resultou em mudanças significativas que afetaram o trabalho das pescadoras e dos pescadores, e conseqüentemente as suas vidas e as de suas famílias. A principal foi na geração de renda pois houve uma diminuição drástica de algumas espécies de peixes como relatado pelo pescador Tucunaré (2021):

o peixe tá extinto, quase todo tipo de peixe tá ficando extinto, só o os que ainda tem bastante é Avoador, Curimatá é o Piau ainda tem no mês de abril e maio tem bastante, Piau Ladiana, mais assim a Caranha tá extinto, o Surubi tá extinto, já pouco a gente pega mas não tanto como antigamente.

Também falando sobre essa questão, o pescador Filhote (2021) descreveu que essa diminuição está ocorrendo cada vez mais devido à dificuldade devido ao período de desova dos peixes, conseqüentemente provocado pelo sobe e desce das águas do Rio após a construção da Barragem. Esse processo interfere no processo natural de natalidade dos peixes fazendo assim cada vez mais os peixes diminuírem:

É quando é no tempo que é para o peixe desovar o rio tá naquele sobe e desce, muita vez o peixe entra na mata na desovar à noite e de manhã tá no seco, aí o que acontece os passarinhos come e o sol resseca aqueles ovos, então aí tá desse jeito. Outra vez o peixe entra na desova lá, o rio enche tanto e os predadores vão lá e come tudo (FILHOTE, 2021).

As modificações geradas pela Hidrelétrica de Estreito-MA além de interferir nos processos naturais dos rios acabaram interferindo nos modos de vida das comunidades que desenvolvem o trabalho com a pesca, pois a partir dos relatos é possível perceber que as pescarias estão ficando cada vez mais difíceis em virtude da seca do rio. Esse processo acabou modificando os modos de pescarias das pescadoras e pescadores. Abaixo um relato da pescadora Dourada (2021) que exemplifica essa questão:

porque como agora a Barragem ela não para com a água, a água dela ele sempre solta uma água depois da Barragem, complicou muito para os pescadores daqui de baixo. Porque é aquele negócio deles, o rio tá seco, o rio tá cheio. Aí às vezes você põe uma rede agora o rio tá mais ou menos, quando você vai lá tá cheio outras vezes estava cheio você põe a rede quando vai lá o trem tá lá embaixo seco, aí complicou bastante a vida dos pescadores, muito muito mesmo. Às vezes você vai para o rio e pega alguma coisa, outras vezes você vai e não pega nada, é assim. (DOURADA, 2021).

Em vista dessas alterações o trabalho com a pesca atualmente não está sendo fácil devido à escassez de peixes depois da construção da Hidrelétrica de Estreito-MA, e da alteração imprevisível no nível das águas. Todas as pessoas entrevistadas ressaltaram as mudanças advindas dessa construção e os impactos negativos causados no Rio Tocantins e nas suas vidas.

Nas narrativas é possível perceber que para se pescar uma quantidade de peixes razoável é necessário passar uns três dias no rio. Assim, muitos deles precisam sair de suas localidades para pescar em outras, acarretando um aumento dos gastos. A partir dos relatos trazidos, percebemos as dificuldades encontradas para garantir uma renda satisfatória para o sustento da família. Conforme a pescadora Piau Cachoeira (2021) relata “Minha filha é graças a Deus, eu acho assim pouco né, a gente gasta muito com esse negócio de quando a gente vai pro rio a despesa é grande, mas no tempo da Piracema o dinheiro [Seguro Defeso] ajuda nós também”.

Os relatos que tivemos acesso só reforçam narrativas já presentes em outros estudos acerca do impacto das hidrelétricas nas comunidades de seus entornos. Souza et al. (2016) pontuam que quando as hidrelétricas são implantadas nos rios não se tem um olhar sobre os impactos provocados nas vidas das comunidades que moram em suas margens e dependem do mesmo para sobreviver, não são levadas em consideração as relações de sentimentos e afetos, construídos pelas comunidades nas suas relações de vidas e trabalho com as terras e com as águas. Nessa perspectiva

A vida do pescador é composta de terra e água, é produto dessa massa que nem sempre é equilibrada ou perfeita, mas que representa o símbolo maior da atividade criadora e transformadora. Os impactos da barragem sobre a água e a terra provocaram uma

ruptura nas imagens primordiais que davam sustentação ao pensamento e à atividade criadora dos ribeirinhos. Novas imagens passaram a ser construídas e, conseqüentemente, manifestas nas histórias e narrativas do cotidiano. (ALVES, 2007, p.39).

A vista disso podemos perceber que as implementações de hidrelétricas nos rios trazem desequilíbrios ambientais e sociais, sendo a comunidade de pesqueira um dos grandes grupos afetados.

Compreendemos assim, nesta pesquisa, a partir das memórias das entrevistadas e entrevistados, a existência de dois períodos do Rio Tocantins que significam experiências distintas na vida das pessoas que nele/dele vivem e trabalham. O primeiro é um tempo próspero onde se achava uma alta quantidade de peixes e o outro momento tem uma pesca mais escassa, muita luta e dificuldade, pois não há mais a quantidade e variedade de peixes como antes. Esse aspecto também foi destacado por Souza et al. (2016) no artigo *Do rio Tocantins a Hidrelétrica de Peixe Angical: os peixes e as pescarias na memória dos pescadores*. No período da Piracema, em que ocorre a reprodução dos peixes, a pesca fica proibida na região e as pescadoras e pescadores vinculados a Colônia de Pescadores Z-7 recebem um auxílio do Governo Federal, o Seguro Defeso. Esse auxílio é fundamental visto que com a impossibilidade da pesca nesse período e a dificuldade da pesca nos outros momentos, principalmente após os impactos causados no Rio Tocantins, não há a possibilidade de uma sobra de renda para que as pescadoras e pescadores possam economizar com vistas a arcar com sua sobrevivência diante da sazonalidade da pesca.

O trabalho com a pesca vai ganhando outros traços a partir das modificações sofridas na sociedade, essas alterações estão muito presentes nas falas dos entrevistados quando se referem ao trabalho com a pesca ao longo dos anos. Desse modo, compreendemos que a partir do trabalho com a pesca que as pescadoras e pescadores vão construindo diversas relações e aprendizados com o Rio Tocantins. Esses aprendizados constituem uma vivência cultural distinta. Conforme Garcia et al (2007, p. 97) salientam,

As famílias de pescadores artesanais são grupos que possuem uma cultura específica. Em geral, essas populações possuem conhecimentos sobre a natureza e seus dinamismos que atravessam várias gerações (PAIOLA e TOMANIK, 2002). As práticas artesanais são aprendidas no convívio familiar e no contato direto com a natureza e são utilizadas por pescadores e suas famílias para a subsistência.

Percebemos que o trabalho com a pesca é considerado uma atividade básica da vida dos povos ribeirinhos, constituindo assim um fundamento básico na formação de sua identidade. Ela se faz presente como uma forma de subsistência das famílias que mantêm relações diretas

com o Rio Tocantins desde sua infância, constituindo assim a sua primeira identidade. Essa identidade então sofre interferências a partir de algumas mudanças que afetam a comunidade pesqueira. “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida (HALL, 2006, p. 21). Contudo, conforme relatado por Hall (2006), podemos perceber que as identidades são construídas a partir das vivências sociais, e as memórias são construídas a partir das representações que as pessoas atribuem aos acontecimentos das suas vidas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa podemos perceber a importância de se trabalhar com a História Oral para se compreender as memórias de um povo. A pesquisa objetivou conhecer as memórias das pescadoras e dos pescadores da comunidade vinculada a Colônia de Pescadores Z-7 de Tocantinópolis-TO e como as relações e significados estabelecidos durante o desenvolvimento da pesca se manifestam em seus relatos.

A pesquisa foi realizada a partir da metodologia da História Oral e nos possibilitou conhecer a realidade de vida e de trabalho de parte da comunidade pesqueira da região, contribuindo assim para o estudo e a valorização das práticas da comunidade de Tocantinópolis. Para tal, tendo em vista o contexto vivenciado pela sociedade no momento da pesquisa, de isolamento social causado pela pandemia do vírus *Sars Cov-2*, a metodologia utilizada precisou sofrer algumas adaptações por acontecer normalmente de forma presencial. Essas alterações foram necessárias para garantir a proteção dos e das participantes e das pesquisadoras, ocorrendo de forma *on-line* na plataforma de reunião *Google Meet*.

Para mim foi bem gratificante desenvolver essa pesquisa, pois sempre gostei muito de ouvir relatos de vivências das pessoas ao meu redor. Antes das entrevistas, senti um pouco de insegurança devido ao fato de ser *on-line*, pois não sabia muito bem como seria a reação dos entrevistados diante da câmera e da gravação e nem como seria minha atuação, visto que era a primeira vez que realizava entrevistas orais. Essas inseguranças se davam porque nem sempre é fácil para os entrevistados ficarem à vontade sendo gravados. Porém essas questões foram sendo superadas a partir das orientações da minha orientadora e dos sucessos de cada entrevista. As entrevistadas e entrevistados pareceram se sentir muito à vontade e foram trazendo suas vivências mediados pelos nossos questionamentos, da forma mais espontânea possível. A realização de entrevistas *on-line* me possibilitou ter novas experiências e aprendizados, mostrando assim que é possível ser realizada entrevistas satisfatórias virtualmente.

Desenvolver esta pesquisa foi fundamental para pôr em prática um pouco do que foi visto no decorrer da minha formação sobre a valorização da cultura das comunidades tradicionais, realidade essa que era por mim despercebida antes do ingresso no curso Licenciatura em Educação do Campo: Habilitação em Artes e Música, e que passei a valorizar a partir da pesquisa e atuação nos espaços acadêmicos e comunitários.

Além disso, no contexto do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Habilitação em Artes e Música, que tem como objetivo formar professores para atuar nas comunidades camponesas, o conhecimento acerca das populações que trabalham com a pesca é muito

importante. Conforme apontamos anteriormente, o conceito de campesinato, inclui todas as pessoas que vivem e trabalham na terra, nas águas e nas florestas e que vivem dos recursos naturais desses espaços. Sendo assim, as populações ribeirinhas se enquadram no contexto dos grupos que formam o Curso e com os quais o Curso se propõe dialogar.

A partir das conversas realizadas, as pescadoras e os pescadores foram trazendo suas vivências construídas ao longo do tempo nas relações de vida com o Rio Tocantins. Com esta pesquisa, percebemos que a profissão de pescadora e pescador foi apreendida pela maioria das pessoas entrevistadas ainda na infância, geralmente com os familiares, sendo um aprendizado passado de geração em geração. Porém, devido às dificuldades encontradas na profissão, as pescadoras e pescadores ensinam as filhas e filhos a pescarem apenas como lazer não as e os estimulando a atuarem com a pesca enquanto profissão.

Também ficou evidenciado que o Rio Tocantins é um aspecto determinante na identidade das pescadoras e pescadores da região, sendo o principal meio de sobrevivência das famílias. Suas memórias são trazidas a partir de representações, as quais percebemos, pois, os participantes vão revendo suas memórias e compartilhando as suas formas de ver os diferentes acontecimentos. Esse fato é demonstrado a partir dos relatos trazidos pelos participantes que evidenciam suas narrativas em dois momentos que se articulam: um voltado ao passado e outro voltado ao presente. Assim eles remetem suas memórias evidenciando um rio cheio (quando aprenderam a trabalhar com a pesca) e um rio seco onde há uma enorme escassez de peixes. Ao rememorar o passado, é possível perceber sua característica enquanto Tempo Presente. É o passado que reverbera no presente, impactando suas trajetórias e suas impressões, expectativas e sonhos acerca da vida do/com o Rio Tocantins.

As mudanças na vida das pescadoras e pescadores são percebidas a partir da construção da Hidrelétrica em Estreito-MA que representa uma mudança crucial nas condições de sobrevivência, devido aos impactos causados no fluxo das águas e na fauna e flora do Rio Tocantins. Desse modo, os relatos trazidos pelas pescadoras e pescadores evidenciam que o trabalho com a pesca está ficando cada vez mais difícil devido a diminuição dos peixes no Rio Tocantins. Essas mudanças são causadas pelo sobe e desce das águas que causam uma desordem no ciclo natural dos peixes.

Por fim, mediante todos os relatos trazidos pelas pescadoras e pescadores, compreendemos que há um descaso dos órgãos competentes com as comunidades que sobrevivem do rio. Nos relatos compartilhados é possível ver que a construção das barragens provoca mudanças irreversíveis nos ciclos naturais dos rios, afetando as comunidades tradicionais de pessoas ribeirinhas que sobrevivem das águas. Cabe aos órgãos competentes

pensar em formas de gerar energia que não causem tanto impacto às comunidades tradicionais, que são as grandes prejudicadas nesses empreendimentos.

Há questões valiosas apontadas pelas pessoas entrevistadas nesta pesquisa que, pela extensão limitada do trabalho, não foram aqui mencionadas mas que possibilitariam importantes interpretações e desdobramentos de análise: as pescas ilegais que estão ocorrendo com arpão; as doenças de trabalho que acometem a saúde das pescadoras e pescadores; as perdas de plantas nativas das margens do rio que servem de abrigo e alimentação para os peixes; as relações de gênero na pesca; a rotina diária de trabalho com a pesca; os sentidos atribuídos pela comunidade à atividade de pescadora e pescador, o surgimento e o funcionamento da Colônia de Pescadores de Tocantinópolis Z-7, entre outras. Todas essas temáticas ficam como possíveis sugestões de pesquisa para os leitores deste trabalho, ou ficam para um futuro próximo nas minhas caminhadas como pesquisadora...

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- AMADO, Janaina. O grande mentiroso. Tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **História**. São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso)>. Acesso em 25 de ag. 2021.
- ALVES, Andreia Duarte. **Histórias de pescadores: memórias de vidas submersas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97674>>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422>> Acesso em: 25 ago. 2021.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 794, de 19 de outubro de 1938. Aprova e baixa o Código de Pesca. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 21 out. 1938. Seção A, p. 21172. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-794-19-outubro-1938-350346-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- CHAGASTELLES, Gianne; LACERDA, Gislene. História oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentidos. **X Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em <[http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143\\_ARQUIVO\\_textoGianneGislene.pdf](http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143_ARQUIVO_textoGianneGislene.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.
- CACHOEIRA, Piau. **Piau Cachoeira: depoimento** [outubro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza; Jessilane Souza da Silva. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 15 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.
- COLÔNIA dos Pescadores Tocantinópolis. **Facebook**. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/coloniadospescadores.tocantinopolis><https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-794-19-outubro-1938-350346-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- COSTA, Francisco de Assis. CARVALHO, Horácio Martins de. Campesinato. In: CALDART et al. In: **Dicionário da Educação do Campo**. RJ: SP: Expressão Popular, 2012. p. 115-122.

DOSSE, Pierre. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.4, n.1, p. 5-22, jan.-jun. 2012. Disponível em < <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/270> >. Acesso em: 20 jul. 2021.

DOURADA. **Dourada**: depoimento [novembro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza; Jessilane Souza da Silva. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 08 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **A pesca Construindo Sociedades: leitura em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras/USP, 2004.

FILHOTE. **Filhote**: depoimento [agosto de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 40 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

FURTADO, Júnia Ferreira. Metamorfoses da colonização: o rio Tocantins e a expansão para o oeste em mapas e relatos (século XVIII). **Tempo**. Niterói, Vol.22 n. 40. p. 367-399, mai-ago., 2016. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/tem/v22n40/1413-7704-tem-22-40-00367.pdf> >. Acesso em: 20 jul. 2021.

GARCIA, Narjara Mendes et al. Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. **Psicol. educ.** n.25. p. 93-112. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/1557>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

GUIMARÃES, Giano. O espetáculo do Nascer do sol às margens do Rio Tocantins. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2017. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://web.facebook.com/tocantinopolisonline/photos/1269212603158430> >. Acesso em: 31 mar. 2022.

GUIMARÃES, Giano. Período de Seca no Rio Tocantins. Tocantino. **Facebook**. 2016a. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tocantino/photos/691911264297263>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

GUIMARÃES, Giano. Período de Seca no Rio Tocantins. Tocantino. **Facebook**. 2016b. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tocantino/photos/691911197630603>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11°. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISA. Instituto Socioambiental. **Terra Indígena Apinayé**. 2022. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3584>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**. v. 3. n.6. p. 89-112. Ago. 1989. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>> Acesso em: 20 jul. 2021

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tocantinópolis. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>>. Acesso em 25 de out. de 2021.

LUCENA, Mariane E. da S, et al. Babaçulândia e Filadélfia: Territórios impactados pela Barragem de Estreito e a PNSIPCFA. In: CARNEIRO, Fernando Pessoa; PESSOA, Vania Matos; TEIXEIRA, Ana Cláudia de Araújo (Org.). **Campo, Floresta e Águas: práticas e saberes em saúde**. Brasília: Editora UNB, 2017, p. 313-335.

MACHADO, Laylson. Mota. “**A Beira do Rio é o nosso Lugar**”. Os efeitos da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA) e a vida Ribeirinha no Acampamento Coragem em Palmeiras do Tocantins (TO). Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2020.

MANTEIGA, Pacu. **Pacu Manteiga**: depoimento [novembro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza; Jessilane Souza da Silva. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 24 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

MAPA do estado do Tocantins, indicando o município de Tocantinópolis-TO. **IBGE**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>>. Acesso em: 20 maio de 2022.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MEIHY, J.C.B. HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Cidades Ribeirinhas do Rio Tocantins**: Identidades e Fronteiras. 2007. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiás. 2007. Disponível em <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/oliveira\\_MariadeFatima.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/oliveira_MariadeFatima.pdf)> Acesso em: 21 jul. 2021.

PARENTE, Temis Gomes; SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira da. De estrada líquida à jazida energética: os sentidos do rio Tocantins na memória oral dos ribeirinhos. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 156 - 180, set. /dez. 2019. Disponível em <<http://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311282019156>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3. p. 3-15, 1989. Disponível em

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> >. Acesso em: 21 jul. 2021

RAPOSO, Pedro. A renda da água dos trabalhadores da pesca e as redes de comercialização da Amazônia brasileira. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão-REDD**, Araraquara, v.4 n. 1, jul/dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/5050>>. Acesso em 21 jul.2021.

ROSARIO, Cláudia. C.D. O lugar Mítico da Memória. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v 1. n. 1. 2002. Disponível em: < <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4011> >. Acesso em: 25 jul. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo. MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o Isolamento: Reflexões Sobre História Oral e Entrevistas à Distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27. p. 1-18, 2020. Disponível < <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266> >. Acesso em: 21 jul. 2021.

SILVA, Ádila Patrícia Chaves et al. Etnoconhecimento de pescadores artesanais na comunidade Bebedouro, Santo Amaro, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e52510817545-e52510817545, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17545>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

SOUZA, Mariza Fernandes, et al. Do rio Tocantins a Hidrelétrica de Peixe Angical: Os peixes e as pescarias na memória dos pescadores. **Interface**, Porto Nacional. v.12 n. 12.p 119-134, dez. 2016. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/267891027.pdf> >. Acesso em: 25 jul. 2021.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Rio Tocantins no Período da Cheia. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2021a. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/pcb.4762921287120860/4762920207120968>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Rio Tocantins no Período da Cheia. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2021b. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/pcb.4762921287120860/4762920677120921> >. Acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Rio Tocantins no Período da Cheia. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2021c. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/4745076245572031>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Ilha da Santa Tocantinópolis. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2021. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/4712125015533821> >. Acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Porto da colônia dos pescadores Tocantinópolis-TO. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2016. [recurso imagético]. Disponível em:

<<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/2465850520161293>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Tempos de grande estiagem no rio Tocantins. Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2016. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/1062776463802046>>. acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Ilha da Santa - Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2019. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/2393193137427032>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

TOCANTINÓPOLIS- TO. Seca no Rio Tocantins - Tocantinópolis-TO. **Facebook**. 2016. [recurso imagético]. Disponível em: <<https://facebook.com/tocantinopolisonline/photos/1056442167768809>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

TUCUNARÉ. **Tucunaré**: depoimento [outubro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 47 minutos, de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

## APÊNDICE A ROTEIRO UTILIZADO COM AS PESCADORAS

### Questões iniciais

1. Qual sua data e local de nascimento?
2. Qual seu estado civil?
3. Onde a senhora mora?
4. Se tem um companheiro, como conheceu ele? Ele também trabalha com a pesca? Ele já trabalhava antes de vocês começarem o namoro?
5. Na sua casa, há uma divisão das tarefas domésticas entre a senhora e o seu companheiro?
6. A senhora tem filhos? Quantos? Qual a idade deles?
7. Quem mora com a senhora?
8. A senhora estudou até que série?
9. A senhora tem alguma religião? Frequenta algum local religioso?
10. Quando a senhora não está trabalhando, o que a senhora gosta de fazer?
11. A senhora vai no rio por outros motivos que não seja a pesca? Quais motivos?
12. A senhora gosta de ouvir música? Quais músicas a senhora gosta?
13. Qual a sua profissão? A senhora se dedica totalmente a pesca ou tem um outro trabalho?

### Rotina de Trabalho

14. Quando a senhora começou a trabalhar como pescadora? Quantos anos a senhora tinha?
15. Como a senhora aprendeu a pescar?
16. Qual era a profissão dos seus pais?
17. O que fez com o que a senhora começasse a atividade da pesca?
18. Onde a senhora costuma pescar? Quais são os lugares na região que dão mais peixes?
19. Caso seja distante, quantos dias a senhora fica longe e como conserva o peixe?
20. Quais são os peixes mais pescados?
21. Quantos peixes em média a senhora costuma pegar por dia de trabalho?
22. E quais as iscas utilizadas?
23. De onde vem as iscas que a senhora utiliza?
24. Além das iscas, quais são os seus instrumentos de trabalho?
25. A senhora faz alguns dos utensílios que utiliza?
26. A senhora utiliza canoa ou barco na pescaria? Onde a senhora deixa ela quando não está pescando?
27. Quem costuma ir com a senhora para a pesca?

28. Em quais dias e horários a senhora costuma pescar? Por que nesse horário?
29. Tem épocas do ano que dão mais peixes que outras?
30. Como a senhora lida com os períodos de cheia e seca do rio? O que essas mudanças do rio mudam no seu trabalho?
31. No período da Piracema como fica seu trabalho no Tocantins?
32. A senhora acha que a construção da hidrelétrica em Estreito mudou alguma coisa para os pescadores? O que?
33. A senhora recebe algum auxílio do governo? Qual?
34. A senhora pesca para consumo e comercialização?
35. Caso a senhora comercialize, qual a média de quantidade e valor de cada peixe por semana? Como acontece as vendas?
36. A senhora vende por encomenda?
37. Quanto a senhora costuma cobrar pelos peixes?
38. A senhora considera que o dinheiro que o senhor ganha com a pesca é suficiente para o sustento da sua família?
39. Há na comunidade atravessadores?
40. Há quanto tempo a senhora trabalha como pescadora?
41. Na sua profissão como pescadora, a senhora tem notado mudanças no modo de pescar ao longo dos anos?
42. Fale um pouco de suas experiências como pescadora no Rio Tocantins? Tem alguma história que a senhora gostaria de contar sobre a sua vida com a pesca?
43. O que a pesca significa na sua vida? Qual a importância dela para a senhora?
44. A senhora gosta de trabalhar com a pesca no Rio Tocantins?
45. O que a senhora sente quando está pescando?
46. Se a senhora não fosse pescadora, a senhora gostaria de trabalhar com o que?

### **Comunidade**

47. A senhora conhece outras pessoas que trabalham como pescadora?
48. Como a senhora acha que a comunidade enxerga a profissão de pescador?
49. Na comunidade existe a atuação de jovens nessa profissão?
50. A senhora vê uma participação de mulheres tanto quanto a de homens na pesca?
51. A senhora acha que o trabalho na pesca para homens e mulheres é o mesmo?
52. Existe alguma atividade mais realizada por homens e outras mais por mulheres?
53. Se sim, por que a senhora acha que tem essa diferença?

54. Na vida da pesca a senhora acha que os homens e as mulheres têm condições de fazer as mesmas atividades ou não? Por quê?
55. A senhora é associada da Colônia de Pescadores Z-7? Se sim, como é esse movimento?
56. Para que serve a Colônia dos Pescadores? E quais são as cidades que fazem parte dela?
57. A senhora tem algum envolvimento direto na Colônia? Participa das reuniões?
58. Se sim, com que frequência são as reuniões?
59. Quais são os assuntos que mais são discutidos nas reuniões?
60. A senhora acha que há diferenças no modo de pescar daqui da cidade para outras localidades?
61. Que elementos a senhora vê em comum nas vidas dos pescadores que você conhece?
62. Qual a parte que a senhora considera mais difícil no seu trabalho como pescadora?
63. O senhor já esteve envolvido em alguma situação complicada por ser pescadora? Algum conflito?
64. Há alguma fiscalização sobre os pescadores aqui na região? Como funciona?
65. A senhora já ensinou a alguém pescar? Quem?
66. Seus filhos e filhas – se tiver – sabem pescar?
67. A senhora gostaria que seus filhos e suas filhas fossem pescadores ou se pudesse escolher escolheria outras profissões?
68. No caso de não haver interesse das filhas e filhos nesta profissão, por que você acha que isso acontece?
69. A senhora acredita que no futuro ainda haverá interesse das comunidades na pescaria?
70. Qual o momento que a senhora considera que foi mais importante na sua vida como pescadora?
71. A senhora tem algum desejo ou sonho que a senhora ainda não realizou e que queira realizar no futuro?
72. Tem alguma outra informação que a senhora considere importante ou queira contar para nós?

## APÊNDICE B ROTEIRO UTILIZADO COM OS PESCADORES

### Questões iniciais

- 01- Qual sua data e local de nascimento?
- 02- Qual seu estado civil?
- 03- Onde você mora?
- 04- Se tem uma companheira, como conheceu ela? Ela também trabalha com a pesca? Ela já trabalhava antes de vocês começarem o namoro?
- 05- Você tem filhos? Quantos? Qual a idade deles?
- 06- Quem mora com você?
- 07- O senhor estudou até que série?
- 08- O senhor tem alguma religião? Frequenta algum local religioso?
- 09- Quando o senhor não está trabalhando, o que o senhor gosta de fazer?
- 10- O senhor vai no rio por outros motivos que não seja a pesca? Quais motivos?
- 11- O senhor gosta de ouvir música? Quais músicas o senhor gosta?
- 12- Qual a sua profissão? O senhor se dedica totalmente a pesca ou tem um outro trabalho?

### Rotina de Trabalho

- 13- Quando o senhor começou a trabalhar como pescador? Quantos anos o senhor tinha?
- 14- Como o senhor aprendeu a pescar?
- 15- Qual era a profissão dos seus pais?
- 16- O que fez com o que o senhor começasse a atividade da pesca?
- 17- Onde o senhor costuma pescar? Quais são os lugares na região que dão mais peixes?
- 18- Caso seja distante, quantos dias o senhor fica longe e como conserva o peixe?
- 19- Quais são os peixes mais pescados?
- 20- Quantos peixes em média o senhor costuma pegar por dia de trabalho?
- 21- E quais as iscas utilizadas?
- 22- De onde vem as iscas que o senhor utiliza?
- 23- Além das iscas, quais são os seus instrumentos de trabalho?
- 24- O senhor confecciona alguns dos utensílios que utiliza?
- 25- O senhor utiliza canoa ou barco na pescaria? Onde o senhor deixa ela quando não esta pescando?
- 26- Quem costuma ir com o senhor para a pesca?
- 27- Em quais dias e horários o senhor costuma pescar? Por que nesse horário?

- 28- Tem épocas do ano que dão mais peixes que outras?
- 29- Como o senhor lida com os períodos de cheia e seca do rio? O que essas mudanças do rio mudam no seu trabalho?
- 30- No período da Piracema como fica seu trabalho no Tocantins?
- 31- O senhor acha que a construção da hidrelétrica em Estreito mudou alguma coisa para os pescadores? O que?
- 32- O senhor recebe algum auxílio do governo? Qual?
- 33- O senhor pesca para consumo e comercialização?
- 34- Caso o senhor comercialize, qual a média de quantidade e valor de cada peixe por semana? Como acontece as vendas?
- 35- O senhor vende por encomenda?
- 36- Quanto o senhor costuma cobrar pelos peixes?
- 37- O senhor considera que o dinheiro que o senhor ganha com a pesca é suficiente para o sustento da sua família?
- 38- Há na comunidade atravessadores?
- 39- Há quanto tempo o senhor trabalha como pescador?
- 40- Na sua profissão como pescador, o senhor tem notado mudanças no modo de pescar ao longo dos anos?
- 41- Fale um pouco de suas experiências como pescador no Rio Tocantins? Tem alguma história que o senhor gostaria nos contar sobre a sua vida com a pesca?
- 42- O que a pesca significa na sua vida? Qual a importância dela para o senhor?
- 43- O senhor gosta de trabalhar com a pesca no Rio Tocantins?
- 44- O que o senhor sente quando está pescando?
- 45- Se o senhor não fosse pescador, o senhor gostaria de trabalhar com o que?

### **Comunidade**

46. Você conhece outras pessoas que trabalham como pescador?
- 47- Como o senhor acha que a comunidade enxerga a profissão de pescador?
- 48- Na comunidade existe a atuação de jovens nessa profissão?
- 49- O senhor vê uma participação de mulheres tanto quanto a de homens?
- 50- O senhor é associado da Colônia de Pescadores Z-7? Se sim, como é esse movimento?
- 51- Para que serve a Colônia dos Pescadores? E quais são as cidades que fazem parte dela?
- 52- O que você faz na Colônia? Com que frequência são as reuniões?
- 53- Quais são os assuntos que mais são discutidos nas reuniões?

- 54- Recentemente a Colônia recebeu um caminhão a partir da atuação de uma Deputada Federal, o senhor pode nos contar mais como foi esse processo?
- 55- Você já ensinou a alguém pescar? Quem?
- 56- Seus filhos e filhas – se tiver – sabem pescar?
- 57- O senhor gostaria que seus filhos fossem pescadores ou se pudesse escolher escolheria outras profissões?
- 58- No caso de não haver interesse dos filhos nesta profissão, por que você acha que isso acontece?
- 59- O senhor acredita que, no futuro ainda haverá interesse das comunidades na pescaria?
- 60- O senhor acha que há diferenças no modo de pescar daqui da cidade para outras localidades?
- 61- Que elementos o senhor vê em comum nas vidas dos pescadores que você conhece?
- 62- Qual a parte que o senhor considera mais difícil no seu trabalho como pescador?
- 63- O senhor já esteve envolvido em alguma situação complicada por ser pescador? Algum conflito?
- 64- Há alguma fiscalização sobre os pescadores aqui na região? Como funciona?
- 65- Qual o momento que o senhor considera que foi mais importante na sua vida como pescador?
- 66- O senhor tem algum desejo ou sonho que o senhor ainda não realizou e que queira realizar no futuro?
67. Tem alguma outra informação que o senhor considere importante de contar para nós?

**ANEXO A FOTOS DO RIO TOCANTINS****FOTO 1** - O espetáculo do nascer do sol às margens do rio Tocantins - Tocantinópolis-TO

Fonte: GUIMARÃES (2017).

**FOTO 2 - Rio Tocantins no período da cheia**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2021a).

**FOTO 3 - Rio Tocantins no período da cheia**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2021b).

**FOTO 4 - Rio Tocantins no período da cheia**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2021c).

**FOTO 5 - Ilha da Santa – Tocantinópolis-TO**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2021).

**FOTO 6 - Porto da Colônia dos Pescadores - Tocantinópolis-TO**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2016).

**FOTO 7 - Tempos de grande estiagem no rio Tocantins**



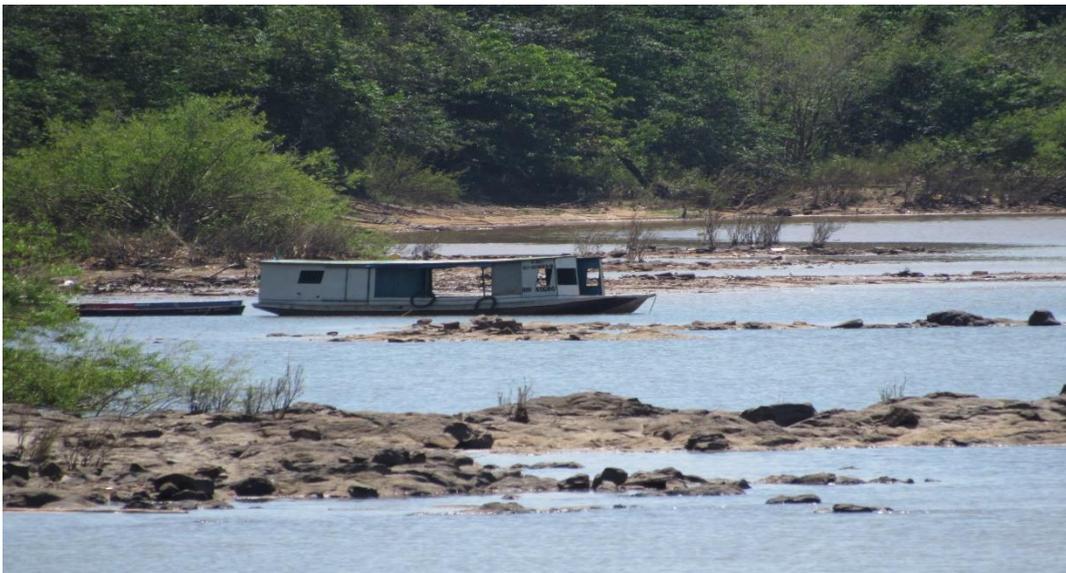
Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2016).

**FOTO 8 - Ilha da Santa - Tocantinópolis-TO**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2019).

**FOTO 9 - Seca no rio Tocantins – Tocantinópolis-TO**



Fonte: TOCANTINÓPOLIS-TO (2016).

**FOTO 10** - Período de seca no rio Tocantins



Fonte: GUIMARÃES (2016a).

**FOTO 11** - Período de seca no rio Tocantins



Fonte: GUIMARÃES (2016b).